

Transcrição da Entrevista para o curso de História Oral
Com o Professor Marcos Alvito
Realizada pelo aluno Fábio Reis, no dia 4 de dezembro de 2000
No Gabinete do referido professor (sala 413, Bloco O)

F: Professor o sr. Poderia falar um pouco do seus avós ?!

E : É. Por parte de mãe minha família tem uma origem operária; meus avós são portugueses, eram portugueses. Em Lisboa meu avô era operário de Indústria Naval, um operário que desenhava peças de precisão para navios; minha avó era costureira. Meu avô por parte de mãe tinha alguma escolaridade, eu desconheço qual, mas eu suponho que ele tivesse pelo menos o primeiro grau completo já que ele não era um operário propriamente braçal era uma função técnica, ele levava uma vida razoável, era até um *bon vivant*, guardadas as devidas proporções, andava bem vestido e tal. Minha avó por parte de mãe tinha uma origem mais humilde, ainda que era dona de casa e costureira, e trabalhava também com cortinas , ela separou do meu avô e veio para o Brasil. E minha mãe veio depois também, e ela tinha muito pouca escolaridade, ela lia jornal e olhe lá. No final da vida ela via mais televisão, ela podia ler , mas a escolaridade dela devia ser a básica, devia ter Segunda ou terceira série.

Por parte de pai minha família é originária da Bahia e meus avós, um avô eu não cheguei a conhecer, meu avô paterno, ele faleceu quando meu pai tinha dez anos... Ele era engenheiro, tinha formação universitária. Minha avó, a viúva dele, sempre dizia que eu era muito parecido com ele, e que ele era muito estudioso, acordava cedo, estudava alemão, inglês era realmente um ... mas eu não conheci. Minha avó vinha de uma família de classe média alta, por parte de pai, foi educada no Colégio, aqueles colégios de freiras, lia muito romance. Era da época em que as mulheres não trabalhavam, mas era um pessoa que tinha uma certa ... educação formal bem concluída. Esses eram assim os meus avós.

O meu avô português eu tive lá umas duas ou três vezes com ele, mas sempre foi um influência importante pelo estilo de vida, uma pessoa alegre, dinâmica, minha mãe sempre falava muito dele.

F: Seu avô é português ?!

E : É meu avô é português, por parte de mãe. E minha avó mesmo sem muito escolaridade sempre foi uma pessoa muito importante, uma pessoa boníssima, sempre teve...

F: E os seus pais ?

Bem, meus pais. Bem, meu pai tornou-se órfão aos dez anos, e aí a vida dele passou a ser não tão fácil como era antes, passou ficando num colégio interno , ele trabalhou bastante, inclusive durante o curso universitário dele, é médico veterinário, trabalhou o tempo todo para poder se formar. Minha mãe é comerciante tem uma loja aqui no Brasil, ela conseguiu fazer uma loja de estofado, que faz cortina, faz móveis sofás, sob medida até hoje ela trabalha com isso, e meu pai já é aposentado, e minha mãe tem pouca escolaridade, tem talvez o primário completo, mas ela lê muito, lê muito romance; na verdade ela sempre quis muito estudar, mas meu avô não permitiu, ela foi a primeira aluna da escola

dela, sempre contava esta história. Por isso eu tenho que contar porquê eu tenho que chegar á uma determinada conclusão, por isso eu tenho que contar também. Ela tirou o primeiro lugar e ela ganhou uma Bolsa para estudar num colégio, o melhor colégio de Lisboa, público mas era o melhor colégio só entravam os melhores alunos. Mas no anterior tinha havido um escândalo, um professor tinha fugido com uma aluna, uma coisa do gênero. E, meu avô disse pra ela que ela era muito bonita e ia se casar muito bem que não precisaria ela estudar, então não permitiu a ela estudar. Então lá em casa a maior influência que houve em relação essa coisa de estudo é que embora minha família não passasse dificuldade; meu pai era professor da Universidade Rural, e minha mãe tinha esse comércio, éramos de classe média, não passávamos dificuldade e estudava num colégio particular, mas tanto no caso do meu pai como no caso da minha mãe o estudo não era uma coisa que tivesse vindo muito facilmente. Meu pai teve que lutar pra concluir os estudos dele, ele estudou e trabalhou durante o segundo grau, fez o segundo grau noturno, e fez a Faculdade toda trabalhando na biblioteca da Universidade Rural. E, no caso da minha mãe ela sempre se lamentou muito em não poder estudar. Então eu não me lembro de meus pais terem que falar comigo ou com minha irmã para gente estudar, a gente sempre estudou naturalmente, nunca fizeram dever com a gente, porque estudar era uma coisa valorizada lá em casa a gente percebia que aquilo era privilégio; isso é uma análise que eu faço hoje depois de muito anos. Mas eu não vejo outro motivo, eu via meus outros colegas sendo obrigados a estudar, postos de castigo, eu não compreendia porque meus pais simplesmente eles se interessavam mas não tinham nenhuma ansiedade em relação aos estudos, porque nós praticamente incorporamos aquele valor da educação que pra eles não tinha sido fácil. Minha mãe não tinha podido por uma proibição, e meu pai tinha lutado pra conseguir.

F : E vocês moravam onde ?

E : A gente morava em Botafogo, em um prédio de dois quartos, apartamento de dois quartos . Classe média normal: fazia curso de inglês, tinha uma televisão, ar condicionado, uma família de classe média normal, sem muito luxo, mas também sem dificuldade, tinha seus altos e baixos mas sem dificuldade maior.

F : E sua família hoje em dia ?

E : Eu sou separado, tenho um filho de seis anos, minha ex-mulher é formada, formada em História, inclusive aqui pela UFF, foi minha aluna, no caso recorrente, professor ficar casando com aluna; e tem minha irmã que é professora universitária na Universidade Federal do espírito Santo. E de uma maneira geral, eu tenho uma família em Portugal, que hoje em dia não é propriamente operária, é uma família de classe média, tem cineastas, várias pessoas formadas e tal, gerente de banco, enfim várias profissões. E minha família agora por parte de pai tem também engenheiros, enfim de uma maneira geral pessoas formadas em cursos universitários e de classe média. Esse é mais ou menos o quadro geral.

F: E sua irmã é professora de que curso?

E : Minha irmã é professora de literatura portuguesa, minha mãe é portuguesa, e minha irmã é professora de literatura. Depois de dar muitas voltas, começar com

Psicologia, ela acabou na Literatura, e na Literatura Portuguesa, só faltava agora eu dar aula História de Portugal.

F : O sr. Percebe alguma relação com sua escolha profissional e seu ambiente familiar ?

E : Eu percebo, esse valor do estudo, sempre respeitei muito o estudo, os professores; era aquele aluno chamado de cdf, mas um cdf com muito gosto, tinha gosto em ser o primeiro aluno da turma, estudar, embora fosse um garoto muito brincalhão, no prédio aprontava, fazia umas coisas, explodia bombinha, pintava o muro: “fora o porteiro”, porque ele não queria deixar a gente jogar bola. Fazia lá minhas travessuras, não era nenhum santinho, não era aquele menino de óculos de aros grossos, aquele branquelo que só estudava não. Eu era um menino que estudava e procurava me sair bem nas provas, tinha orgulho daquilo, mas era normal; gostava de jogar futebol, futebol de botão, enfim, era bem travesso. Eu vejo influência nisso, não é uma influência direta, nem meu nem minha mãe tem um gosto especial por História, mas me lembro de alguma coisa do gênero, mas lá em casa sempre houve livros, meu pai lia o jornal todos os dias impreterivelmente; essa cena do meu pai lendo é uma cena que eu guardo desde pequeno. A leitura era algo importante lá em casa, embora ao contrário de hoje não se procurava fazer que as crianças lessem desde pequenos , não tinha isso. Eu lembro dos primeiros livros : Robson Crusóé e Seis escoteiros no rio Aquidauana. Acho que são os dois primeiros livros que eu li, dados por professora, creio que segundo e terceiro ano primário, talvez. Talvez d.^a Diná e outra professora. É, mas eu acho que teve essa influência era um ambiente não intelectualizado ao extremo, mas era um ambiente de leitura... Mas gosto pela História não, não tive nenhum gosto pela História desde pequeno, não foi assim um gosto pela História Antiga ou pela mitologia Grega, isso surgiu bem um tempo depois. Quando eu era pequeno gostava mais de jogar botão, jogar futebol, assistir televisão, capitão América, os desenhos, não era uma criança intelectualizada. Isso só começou na adolescência.

O sr. falou na escola, e como era a escola que o sr. Estudava ?

E : A minha escola se chamava Brasil-América, era uma escola ligada a um curso pré-vestibular, na época chamado Vetor, que era um dos melhores cursos pré-vestibulares. Hoje em dia não existe nem o curso pré vestibular, e nem a escola. A escola de classe média, meus colegas eram ali todos de Botafogo, mesmo, pessoas... não era uma escola de elite. Não era nenhum São Bento, nenhum Santo Inácio da vida, mas era uma escola boa. As instalações não eram boas do ponto de vista de práticas de esporte, mas os professores eram bons, acho que eu tive uma boa formação. E o segundo grau eu completei os dois últimos anos no Princesa Isabel, que já era um esquema de cursinho pré – vestibular, mas realmente também tinha professores excelentes.

F : O Princesa Isabel era em ...?

E : O Princesa Isabel era em Botafogo, na mesma rua, rua das Palmeiras e tá associado a um pré – vestibular muito famoso que é o Miguel Couto – Bahiense.

F : E há algum prof. Que o marcou neste período ?

E : Olha, em primeiro lugar , acho que eu fui muito marcado eu lembro com muito carinho das minhas primeiras professoras, a d.^a Diná, a d.^a Laura, do terceiro ano primário; acho que a figura inicial da professora sempre foi muito positiva para mim, não tinha problema. E, depois quer dizer, não houve nenhum outro professor que tenha sido o modelo de o grande professor ! Mas alguns professores tiveram histórias interessantes, um professor de História no primeiro ano do segundo grau que começou a dar uma História marxista, com modo de produção, conceito de classe. Eu lembro que eu achei um professor espetacular. Mas não sei se foi coincidência ou não, nós estávamos bem na década de 70 , três meses depois ele foi afastado, veio outro que não era tão bom, mas teve um professor de Biologia que foi muito importante, porque nós estávamos todos na época da adolescência, e começou a falar de assuntos ligados a sexo e, ligados a drogas de uma maneira muito aberta, que também era difícil na década de 70, acho que foi um professor muito importante. Eu sempre gostei muito dos professores de Literatura, porque gostava muito de ler, então. O caso do professor de Biologia é interessante porque não se falava tão abertamente sobre sexo, os pais não conversavam com os filhos, não havia tanta informação disponível. Me lembro que esse prof. de Biologia, falou da fecundação, enfim, de ato sexual. Aí eu cheguei em casa pro meu pai, e eu tinha um coleguinha, chamado Ricardinho que tinha um irmão mais velho, o irmão mais velho era muito safado, Geraldo, e reunia a gente, a gente era bem menor do que ele, reuniu a gente disse que homem e mulher pra terem um filho, pra se relacionarem, eles tinha que ficar em uma determinada posição, que a gente nem sabia qual era na época, mas que a gente tinha que ficar parado em uma determinada posição o dia inteiro, e eu nem imaginava como isso era difícil, mas de qualquer maneira só de ficar parado achava um sacrifício tremendo, né, e perguntei ao meu pai, que dava aula de Biologia também, professor ou médico veterinário, enfim, poderia ter dado a aula sobre o assunto, que era se era verdade que demorava um dia inteiro, e meu pai falou que não, que podia ser até em um segundo só, aí fiquei com a mente toda perturbada, e foi importante esse prof. de Biologia por isso, né. Já tava entrando no 2.^a grau praticamente, e pela primeira vez que ele tocou no assunto. Professores de História eu tive bons professores de História, principalmente no Princesa Isabel, Manoel Maurício, que todos conhecem, já faleceu, foi um grande prof. de História do Brasil. E prof. Iber que também era um grande professor, mas não, eu tinha grandes professores de Química, Matemática, não teve nada que tenha sido único.

F : Então o sr. diria que sua formação escolar não influenciou na sua opção profissional ?

E : É, aparentemente não, até porque eu de início escolhi fazer Comunicação, eu queria ser jornalista, era um pouco a partir das minhas leituras da época, durante a Ditadura Militar eu lia os jornais alternativos *Pasquim*, *O Movimento*, *Versus*, *Opinião* e outros, e eu os jornalistas eram um pouco heróis pra mim porque eram os únicos que na verdade estavam confrontando aquela situação. Eu desconhecía coisas mais profundas, como a guerrilha ou coisas do gênero, mas o meu ambiente não era excessivamente politizado, meus pais não eram nada politizados, nem são até hoje, mas eu descobri um novo mundo através do

Jornalismo, era muito jornais eu lia muito, aquilo passou a me interessar, ai eu queria ser jornalista também; era coisa meio heróica ser jornalista pra mim. Depois, fazendo curso de jornalismo, eu não gostei muito da Faculdade, pensei em mudar de curso, fiz um segundo vestibular pra História, passei e ai comecei a cursar os dois, depois abandonei o Jornalismo e fiquei só com História.

F : Jornalismo o sr fez aonde ?

E : Na PUC.

F : O sr. participava de algum movimento estudantil nessa época ?

E : Não, nunca participei de movimento estudantil nem na PUC, nem na UFF.

F : E no 2.^a grau ?

E : No 2.^a grau também não, porque naquela época era tempo de repressão não tinha grêmio estudantil, quer dizer, na verdade a repressão estava no auge, já tinha passado por cima do movimento estudantil mais amplo, ai em 1970 ou 72 quando devia tá entrando aí, finalizando o que hoje é o 1.^a grau, na época era o Ginásio, entrando no 2.^a grau, a coisa ... 74, 75 ter grêmio estudantil, a gente tinha um professora de Moral e Cívica. Me lembro ela fazendo altos elogios à Ditadura Militar. Quer dizer o clima era um clima obscurantista, bem, né, eu tava lendo um livro, isso bem mais tarde, do Paulo Brossard, chamado *É hora de Mudar*, que era um livro publicado pela LP&M, e Paulo Brossard hoje a gente acha uma piada, mas era um grande opositor na época ele fazia uns discursos. Eu me lembro de uma mãe de uma amiga minha do prédio, gostava muito de mim falava "Ô, Marquinho, não lê esse livro não, isso é uma coisa muito perigosa". Tinha mesmo essa coisa de subversão, esse medo no ar. Na própria faculdade havia esse medo, então não havia grêmio estudantil no meu colégio. Até tinha, teve um grêmio que foi criado por essa professora de Moral e Cívica, então você pode ver que foi criado sob controle dela pra ser uma coisa absolutamente apolítica, né, antes que os alunos criassem o grêmio ela mesmo criou pra ser uma coisa tipo um clube e tal. Eu cheguei até ser vice-presidente desse grêmio, mas ele não tinha politização nenhuma, nem eu.

F : E quanto tempo o sr. fez Comunicação na PUC ?

E : Eu fiz Comunicação durante dois anos, eu fiz o primeiro ano só Comunicação, segundo ano eu fiz Comunicação, primeiro semestre só Comunicação, segundo eu já comecei no curso de História, e nesse segundo semestre, no quarto período de Comunicação eu abandonei e aí fiquei só com a História. Nem voltei lá na PUC, não tranquei, não fiz nada, tinha certeza absoluta que eu não ia me arrepender da escolha, e acho que não me arrependi até hoje.

F : Quais eram os motivos quando o sr. foi fazer História ?

E : É acho que eu tinha uma ... é meu pai tinha sido professor acho que eu tinha uma admiração pela carreira de professor, sempre pensei mais ser professor do que ser pesquisador, eu desconhecia praticamente o que fosse ser pesquisa em História, agora na verdade eu tinha um projeto que era assim : A Universidade, a Faculdade, o curso de História me daria o contexto histórico das obras literárias e

artísticas, o que era que eu estava interessado em estudar; eu tinha um projeto bem amplo, enciclopédico. Conhecer a História toda, é uma das coisas que me interessou muito, que eu já tinha entrada pra Faculdade, comecei a ler os diálogos de Platão, eu acho que isso também foi uma coisa que já entreei com um certo interesse em História Antiga por conta de ter lido os Diálogos de Platão, embora antes no 2.º grau não tivesse ... eu lia História, já tinha lido Hobsbawm no 2.º grau, na época o que todo mundo lia também que era o Leo Huberman *A história da riqueza do Homem*; então tinha interesse por História. Não era ... ai eu resolvi, era mais por estudo, estava interessado mais pelo estudo, eu não estava ainda pensando o que eu ia fazer depois, só dar aula, pretendia dar aula num... não tinha pretensão assim de pesquisa.

F : E por quê a escolha da UFF ?

E : A UFF ... eu fazia um curso de inglês, eu me lembro tinha um colega chamado Guilherme que fazia o curso da UFF, que falava muito bem da UFF, dizia que a UFF era o melhor curso, e a gente ouvia os nossos professores de 2.º grau falarem que o melhor curso de História ... era uma coisa que era na época pelo menos que era consenso, que a UFF era o melhor curso de História, ponto. Não se falava nem “há o outro curso também é bom”, não. Se falava “história na UFF é melhor curso, pronto e acabou”. Ai era um bom aluno, fui fazer o melhor curso, fui procurar passar pro melhor curso que houvesse, da mesma forma tinha feito Comunicação na PUC assim, embora tivesse ponto para fazer qualquer Faculdade na época, se dizia que Comunicação na PUC era melhor, eu era meio assim, meio chatinho, como aluno era bom aluno eu queria... Eu tinha saído do Brasil América, minha escola desde a infância, porque eu achava que tava fraco, porque quando chegou no 1.º ano do segundo grau eu tirei em 1.º lugar no primeiro ano do 2.º grau, e ai eu achei que a escola estava fraca, aquela de coisa de George Bernard Shaw, não aceita um clube que, não gostaria de entrar num clube que me aceite como sócio. E ai fui pro Princesa Isabel também, ai quando chegou no 2.º ano do 2.º grau eu tirei em primeiro lugar de novo, e ai eu fiquei vendo que não tinha jeito. Mas o Princesa Isabel era melhor do que o Brasil América, realmente ele tinha um ensino melhor. Eu procurei a UFF por isso, não tinha nenhuma ligação mais, tinha vindo à Niterói talvez uma vez antes disso.

F : Morava em Botafogo na época ?

E : Morava em Botafogo !

F : E sua família como reagiu a sua escolha ?

E : É, minha mãe queria que eu fosse Advogado ou médico; o meu pai tava preocupado com a questão financeira, sempre sugeriu que eu fizesse concurso para o Banco do Brasil : “não você pode fazer História, mas o Banco do Brasil é uma grande carreira”. Assim um pouco p[reocupado achando que História não tinha retorno, assim do ponto de vista financeiro, né. Mas não houve pressão, em momento nenhum houve pressão, nem ao longo do meu curso, nem antes da minha escolha, apenas eram conselhos nenhuma reação assim tão ruim, mas eu fiz este tipo de coisa. Eu falava pro meu pai : “Olha eu não vou fazer concurso para o Banco do Brasil. O primeiro concurso que tiver de História eu vou fazer, na

área que tiver trabalhando, estudando tudo bem, mas ...”. Na verdade eu tinha que falar primeiro da reação a Jornalismo, né. Eles não falaram nada porque eu era apaixonado por Jornalismo, tal, passava pelo prédio do JB, falava : “eu vou trabalhar ali” . Então não houve muita reação, em relação a História meu pai ficou mais preocupado, achou que ser professor ... por experiência própria, tinha uma certa preocupação, normal.

F : E, onde funcionava o curso de História aqui ?

E : O curso de História era no Valonguinho, um prédio que na época era relativamente recente, na década de 80. Hoje em dia construíram o Plaza Shopping, havia como há hoje uma espécie de “Baixo ICHF”, na época não se chamava assim porque isso veio depois do “Baixo Leblon” que é muito posterior, mas tinha alguns bares no entorno, uma certa vida... mas eu fiz o curso no turno da manhã, então eu não era boêmio, desconheço a boêmia da época. Fiz alguns cursos à noite quando eram com bons professores, Falcon e outros, mas desconheço um pouco mais esta vida estudantil boêmia.

F : Quem eram os seus colegas de curso, assim ?

E : É, a minha turma é uma turma do 2.^a semestre, tinha feito vestibular para o 2.^a semestre que eu queria experimentar mais um pouco Comunicação Social. E era uma turma muito, muito variada se comparada à minha turma da PUC, por exemplo, ela era muito mais heterogênea. Tinha feirante, tinha fotógrafo, tinha balconista; os que moravam, em Campo Grande, Guaratiba; tinha as meninas Zona Sul que moravam no Jardim Botânico. Era uma turma bem heterogênea, a gente apesar disso nós éramos muito unidoS, porque na época a gente fazia quase todas as matéria juntos até ... durante dois anos três anos praticamente. E nós éramos muito unidoS, era uma turma muito legal, mas era bem heterogênea, gente de todas as classes sociais, de todas as partes do Rio de Janeiro.

F : O ambiente assim do curso, como era assim ?

E : O ambiente do curso... eu tento refletir sobre o ambiente, mas eu não chego a uma conclusão assim . Claramente nós percebíamos assim nos alunos que estavam se formando na época uma politização muito maior do que a nossa, porque afinal a gente tava num momento de transição política, eu creio que nós também... fruto disso ai nós também estávamos em transição, o alunado também tava numa transição. Tinha gente muito politizad, tinha gente nada politizada. O movimento estudantil tava num momento talvez de rearticulação, na época da anistia, começo de final dessa transição democrática, porque isso terminou no ano que na verdade eu me formei, então eu ... eu estou analisando isso muito a *posteriori*, na época eu não tinha essa consciência, mas eu lembro de alguns choques assim, com alunos mais antigos muito politizados que exigiam da gente posicionamento político, participação. Havia uma cultura estudantil mais forte anterior que certamente se ressentia de nossa não-participação. A gente tinha sido criado durante o Regime Militar, né. É a tal coisa, em nossa época não tinha grêmio estudantil porque tinham simplesmente acabado com a UNE, com a UBES; então não dava pra exigir da gente entrando na Universidade que imediatamente a gente tivesse uma participação política mais intensa. Mas houve,

na verdade houve, eu participei de passeatas, fugi um pouco da polícia, corri um pouco de gás lacrimogêneo, teve um pouco dessas coisas assim, é que faziam parte da adolescência da época que fazia parte de um ritual de iniciação, mas nunca fui de DA, nunca disputei uma eleição. Isso aí eu sempre fiquei ... não me interessava profundamente, não era ...

F : E os bares depois da saída da Faculdade, você freqüentava ?

E : Os bares ?

F : É, você freqüentava ?

E : Sabe que eu não me lembro, porque como a gente era do curso da manhã e a minha turma era muito fechada, nós fazíamos nossas festas. A gente fazia nossas reuniões . Fizemos um campeonato de futebol de botão, marcávamos muito futebol, nós viajavamos juntos às vezes. Eu lembro , tinha festas aqui no ICHF, a gente fazia festa no próprio prédio, era no hall do prédio do Valonguinho, o pessoal organizava festa, eu lembro agora de ter ido a alguma festa. Eu acho que era um pouquinho menos festivo que hoje, eu acho que tinha menos festa, menos atividade cultural do que hoje, posso estar chutando, mas a lembrança que eu tenho é essa. Porque eu não era de recusar festa não. Eu não bebia, então eu não era muito de freqüentar os bares, essa coisa de ficar bebendo, tomando cerveja e tal, eu não conheço muito bem como era, eu não posso dar um bom depoimento. Mas festa eu ia, não tinha tanta festa assim, era mais uma ou duas no final do semestre. Não tinha esse movimento que é hoje, essa agitação maior, eu acho que tem uma agitação maior em termos de festa. Menos em termo de politização apesar disso, a sala de aula era muito mais politizada do que hoje, quer dizer, a gente pegou esse rescaldo, então se discutia muito a relação professor/aluno, se o professor era autoritário. A primeira coisa, antes, hoje se discute se o professor é competente ou não, mas a primeira coisa que se discutia era se o professor era autoritário ou não. Na época assim autoritário era um xingamento muito forte. E havia assembleias de estudantes e professores, quer dizer, havia um debate político, mesmo que aparentemente fosse um debate acadêmico, mas tinha um caráter político muito forte, as pessoas faziam sempre referência à coisa da Ditadura, ao Autoritarismo, a posturas dos professores se estavam sendo autoritários, se estavam sendo democráticos; se falava muito a palavra democrático, o termo ainda não tinha se desgastado como hoje. Se falar democrático não significa quase que nada, mas na época ainda era uma coisa assim.

F : E em relação ao curso, havia algum predomínio de correntes teóricas, no curso de História quando você fez ?

E : É, o curso mudou nos 4 anos em que eu me formei. Mas de princípio, não sei se fui eu que dei muito azar, mas de princípio minha formação era, alguns professores eram extremamente esquemáticos, extremamente economicistas, era aquele marxismo do encadeamento do modo de produção, de transições longas, que duravam 3 séculos, transição para o capitalismo, de modo de produção asiático servir para caracterizar sociedades totalmente diferentes. E, se usava pouco fonte primária em sala de aula, eram mais discussões teóricas, eram mais

os modelos históricos. Até porque na época boa parte dos professores do curso, que hoje são doutores, na época, ainda estavam fazendo mestrado, então havia uma formação em pesquisa bem menor, ela era bem menos acentuada, os professores ...eram mais uma cultura livresca, ler muitos teóricos, debater, mas não tanto, não havia uma especialização tão grande quanto hoje, um aprofundamento de fontes primárias, de documentos, isto estava engatinhando, isto estava começando, né. A própria pós-graduação era uma coisa muito recente, na própria UFF em 75, eu comecei na UFF em 80. Então nós tínhamos alguns professores que já tinham mestrado completo e raríssimos professores, nem me lembro, mas talvez que tivessem doutorado, talvez o Ciro quando voltou, mas a maioria não tinha nem o mestrado, os professores ainda estavam se graduando, quer dizer, havia esse predomínio do marxismo, mas mais ou menos no meio do curso houve uma espécie de desbunde total, assim talvez uma reação ao marxismo, e talvez como também a prova que tinha mudado o clima político e também intelectual, passou haver uma penetração, por exemplo de Foucault, da Nova História; antes era só o marxismo e Escola dos Annales, então eu li por exemplo muito Lucien Febvre, Marc Bloch, adorava Lucien Febvre e Marc Bloch, mas é ... depois passou haver um desbunde, aí ampliou bastante o leque de opções teóricas, talvez mais pro final do meu curso, começou a chegar mais bibliografia, porque antes haviam pouquíssimas bibliografia, né. Não havia livros de História antiga publicado no Brasil, praticamente. Você tinha manuais, começaram a chegar as primeiras obras vindas de Portugal, passou a ser mais tranquilo importar esses livros, né. Aí começou a ter acesso a uma opção mais variada, o cardápio passou a ser mais suculento, ficou mais nutritivo do que aquela coisa muito marxista, muito economicista. Então eu diria ... que nunca foi a minha formação, eu achava aquilo inaceitável, achava insuportável essa coisa de esquemas, de modelos, algo que não fizesse referência à arte, à Literatura, e até mesmo a vida cotidiana, Eu sempre sofri de super – imaginação, sempre quis saber como era que as pessoas viviam, quais eram os valores, não estava só querendo uma explicação esquemática, de como o modo de produção funcionava, e como se dava a exploração. Aquilo era absolutamente insatisfatório pra mim, por isso que eu procurava Escola dos Annales que tinha uma influência antropológica muito forte, hoje em dia eu sei disso, né. Levy – Bruhl, influenciou Marc Bloch, escreveu *A sociedade feudal*, a gente percebe claramente, a própria questão de mentalidade, quer dizer, o Durkheim influenciou, né, essa corrente; e o Lucien Febvre que era um Humanista, dizia que o historiador devia estar onde está a carne humana, onde está o sentimento humano, os valores humanos, acho que era muito por aí que eu procurava os autores, né.

F : Foucault você já pegou quando você já estava já saindo, no finalzinho do curso?

E : Muito imprecisamente eu poderia dizer que no começo do curso não se falava muito em Foucault não, talvez na metade pra frente, talvez, já se falasse mais, mas também virou uma coqueluche, né. Os alunos pra desespero dos professores eram foucaultianos, de repente todo mundo andava com *A Microfísica do Poder* debaixo do braço, e só se queria falar de Foucault. Era uma febre.

F : Como o sr. se descreveria enquanto aluno da graduação ?

E : Eu, ah ...minhas características de sempre, eu era estudioso, mas muito exaltado... é era uma espécie de um cdf reivindicador, era cdf mas a turma tinha descoberto isso, que eu era um ótimo aluno e, mas que ao mesmo tempo eu tinha uma ligação muito forte com a minha turma então eu ficava muito revoltado, assim, eu era muito duro no julgamento aos professores; odiava quando os professores chegavam atrasados, que faltassem, professor que enrolava, não dava a matéria, então eu reivindicava isso em nome da turma. A turma me colocava de frente pra reivindicar, era uma espécie de aríete da turma, ai eu ia lá e batia de frente mesmo. Uma vez com uma professora que era chefe do Departamento, outra vez com um professor, que hoje em dia é muito famoso, numa assembléia ele disse, numa assembléia de reposição de aula, ele disse que tinha tomado uma decisão de uma maneira muito democrática e na verdade ele tinha pressionado a minha turma, tinha chantageado a minha turma, e eu expus isso diante da assembléia, e eu disse : “ isso é a Democracia do professor X”. Eu acho que ele não me perdoa até hoje isso, então eu era meio esquentado assim, não de brigar fisicamente, nunca foi minha característica, mas era irônico, peitava um pouco; quando eu admirava eu admirava mesmo, ai a gente ficava realmente ... procurava chegar mais cedo, não faltava a aula nenhuma, mas se a aula era ruim a gente dava um jeito para o professor saber que a gente tava pensando que a aula dele não era boa, não era satisfatória. Minha turma tinha essa característica, a gente fazia abaixo – assinado pra dizer que a gente não queria ter aula com o professor tal, a gente fazia esse tipo de coisa.

F : E o curso de História, a grade curricular, tinha outros cursos também : Psicologia, Sociologia ... ?

E : Não, na época a gente tinha duas matérias de Antropologia, Sociologia não havia, apenas como disciplina optativa, mas o curso era feito praticamente todo feito de disciplinas obrigatórias, então era muito difícil a gente fazer uma ... não havia aluno que fazia disciplina em outros cursos. A gente tinha História da Filosofia dois períodos, coisa que não há hoje, é uma pena. Mas o nosso curso era muito mais fechado em termo de História mesmo, Psicologia só havia Psicologia da Educação que até hoje tem, que são as matérias da Didática, que eram o nosso grande terror. Eram as matérias que a gente mais odiava, matérias mais medíocres. Inclusive pra você ter uma idéia, pra você ter uma idéia mais ou menos como era o meu temperamento. Eu já tinha feito uns dois cursos na Faculdade de Educação, minha turma toda odiava, inclusive a gente tinha que se deslocar, andar a rua da Conceição no sol pra sair de lá do ICHF, ir até a Faculdade de Educação, que na época era na rua da Conceição, lá no final, e a gente chegava lá e uma vez ...Os professores de Educação tinham lá suas manias deles e tal, e uma vez uma professora no primeiro dia resolveu perguntar o que a gente achava da Faculdade de Educação, dos cursos de Educação. A professora que adotava aqueles métodos participativos, né, e ai eu fui uns dos primeiros, por azar, a quem ela perguntou. Eu disse : “Olha professora eu tenho vontade de colocar uma bomba na Faculdade de Educação, é claro que retirando antes as pessoas”. Fiz essa ressalva, mas ela ficou muito assustada, me us colegas vieram

ao meu socorro, falaram : “não professora pode deixar que ele não baba, ele não é violento, não é agressivo “. Mas eu era muito sincero. Eu acho que eu não perdi esse defeito, ou essa qualidade da sinceridade: ser muito agudo na crítica ou no elogio. Então eu era assim quando eu era aluno não contemporizava não, não tinha muita papa na língua.

F : E o seu curso de Antropologia você gostava ?

E : Olha curiosamente eu não tive bons cursos de Antropologia. Eu fiz um curso na PUC, foi razoável, fiz um curso aqui na UFF, que não teve um rendimento bom, o entrosamento da professora com a turma não foi muito bom. O entrosamento que eu digo do ponto de vista acadêmico, minha turma até adotava alguns professores e professoras, né, a gente gostava, às vezes o professor era fraco mas a gente gostava, percebia uma boa vontade a gente não fazia nada contra ele não, nós o poupávamos. E foi o caso de uma professora de Antropologia que nós tivemos, todo mundo gostava muito dela, mas ... Então não foi por aí que surgiu meu interesse, um contato ... eu acho que eu gostei de alguma coisa : Malinowski e tal, mas a Antropologia eu acho que ela veio por parte mais da História Antiga e da História Medieval, quando eu me tornei professor, e que eu percebi que autores como Le Goff, Duby, no caso da História Medieval, no caso do Finley, particularmente na História Antiga, tinha um lastro antropológico, né. Usavam muitos autores da Antropologia, fiquei muito impressionado por exemplo com uma análise que o Duby fez da guerra no século VIII, na Europa Medieval, mostrando a guerra como algo criativo não só destrutivo, mas como criadora de riquezas e valores e tal, ou o Finley no *Mundo de Ulisses*, usando o Dom e o contra Dom, do Marcel Mauss, pra analisar a sociedade homérica. Aquilo tudo me impressionou muito, e aí eu descobri um pouco a Antropologia. Cheguei a fazer um grupo de estudo de Antropologia, quando eu já era professor, tentei formar com alguns alunos meus, mas todos eram amadores na Antropologia e a coisa não andou, não caminhou muito pra frente. Curiosamente alguns desses alunos foram pra Antropologia, até fizeram Museu Nacional e tal; não sei, eu não sei se eu influenciei ou se eles já estavam com tendências antropológicas, digamos assim.

F : Entre esses o Zé Maurício ?

E : É, o Zé Maurício não participou desse curso não, mas por exemplo ... não era nenhum curso era uma tentativa de reunir, mas o professor Jair, por exemplo, que é da Sociologia. A gente chegou a discutir quando ele tava entrando no mestrado, quando ele ia fazer a prova pro Museu Nacional eu perguntei à ele se ele não queria que eu estudasse com ele, então eu estudei com ele alguns textos, a gente discutiu alguns textos, porque eu estava interessado em aprender Antropologia, eu já era professor, tinha sido professor dele, então a nós estudamos junto alguns textos do Museu Nacional; não estou dizendo com isso, né, sou grande amigo do Jair, não estou dizendo com isso que eu coloquei ele no Museu Nacional, porque eu entendia tanto de Antropologia quanto ele, quer dizer, que na época não era tanta coisa não é ?! Nós éramos igualmente novatos. Então era mais interesse em estudar Antropologia, era o gosto mesmo.

F : E os professores do curso de História, assim como era os professores no geral ?

E : É, fazendo uma análise eu vejo que era uma época de transição. A gente tinha alguns professores antigos que claramente não tinham grandes qualificações não eram grandes professores, nem eram grandes pesquisadores , e eles se aposentaram, né. E tinha alguns professores que eram absolutamente brilhantes que era a nata mesmo dos historiadores, parte dos melhores historiadores brasileiros que estavam formados, ou que estavam se formando naquele momento. Então, era um curso muito heterogêneo se você procurasse fazer um curso só com os melhores professores você tinha que pegar cadeira de manhã, de tarde e de noite. Fazer um verdadeiro ... Mas havia grandes professores, excelentes professores e havia professores absolutamente medíocres. Eu diria que a tendência hoje... haveria hoje uma distância menor, né, eu acho que a formação dos professores hoje é um pouco mais homogênea, porque todos eles hoje fazem mestrado, fazem doutorado, quer dizer, todos tem um mínimo de conhecimento de pesquisa, e efetivamente não era esse o caso. A gente tinha professores que eram professores de segundo grau melhorados, e às vezes até piorados. E tinha professores que eram grandes enciclopédias, que eram professores fantásticos, você faz uma pergunta pra ele, como o professor Falcon, e ele ficava, não gostava que perguntasse à ele, pelo menos parecia isso, ficava de cara fechada, e respondia durante quarenta, cinqüenta minutos; a ponto de você não ter mais coragem de fazer uma pergunta, principalmente se fosse no final da aula seus colegas iam te... mas isso é piadinha, isso é brincadeira. É, eu tive grandes professores, mas tive também professores que na época não ... acho que a Faculdade ainda, por ser recente a pós – graduação, acho que ela se ressentia. Havia professores que estavam iniciando carreiras, que depois se tornaram brilhantes , e portanto já tavam fazendo investimento em pesquisa, já eram pessoas extremamente dinâmicas, e havia professores que estavam no final da carreira, pendurando a chuteira, que já não pertenciam aquele projeto do Departamento de História que era se tornar um Centro de Pesquisa, como efetivamente se tornou, eu acho que havia essa disparidade muito grande.

F : E quais deles foram mais importante para sua formação ?

E : Olha, eu ... a gente poderia mencionar vários, um deles o professor Falcon, realmente foi um excelente professor, assim, maravilhoso, as aulas dele, fantásticas; eu costumava medir a eficiência das aulas pelo caderno, eu tinha um caderno da FENAME [Fundação Nacional de Material Escolar], que eu encapava, um caderno pequenininho que eu encapava e botava etiqueta, era muito organizado. E, aí eu media. Determinados professores não davam nem meio caderno, o professor Falcon deu dois cadernos praticamente, então que tudo que ele falava era importante, que a aula dele tava tão bem estruturada; fico pensando fosse eu mesmo me medir hoje em dia seria complicado não sei se ia dar nem meio caderno, porque eu sou ... minha aula é meio anárquica não são coisas tão assim organizadinhas que dê pra colocar no caderno, mas enfim era o meu medidor, na época o Falcon. Mas realmente, de uma maneira absolutamente ímpar, destacado, sem comparação com qualquer outro foi o professor Ciro Cardoso, né, porque aí ele foi um professor extremamente sério, extremamente

competente, extremamente didático, a didática dele era excelente, às vezes havia grandes professores mas que não tinham didática, ele era um conhecedor enciclopédico, como é até hoje, da História Antiga e de outros campos da História, com um domínio teórico absolutamente fantástico. E ele tinha um diferencial, que era absolutamente marcante, que era o uso de fontes primárias, que ele veio realmente de outro mundo, ele veio de uma formação na Europa, Paris mais especificamente, e ele veio pra trabalhar em História Antiga, que era um dos campos mais atrasados, mas ele trabalhou da maneira mais moderna possível, no bom sentido da palavra, que era o uso de fonte primária em sala de aula. Então pela primeira vez eu vi um exercício em sala de aula em ser historiador, o professor invés daquelas teorias, engraçado porque diziam que ele era um grande marxista, eu falei : “então se é isso o marxismo aí eu até quero ser marxista” . Porque ele não perdia muito tempo ficar falando só de modo – de - produção e classe social, ele dava fontes primárias que continham a riqueza da diversidade, das ambigüidades, das contradições e a gente analisava as fontes primárias em sala de aula, então foi a primeira vez, e eu já tava terminando o meu curso, que eu aprendi a fazer fichamento, que era um professor que ensinava como fazer as coisas antes de exigir da gente, e foi a primeira vez que lidei com fontes primárias, fiquei maravilhado; aí eu li a *Ilíada*, a *Odisséia*, aí realmente se reforçou aquele objetivo da História Antiga, eu fiquei absolutamente fascinado, aí me decidi absolutamente por História Antiga. Além disso, a bibliografia dele era a mais atualizada possível, ele usava livros editados em Portugal, e usava livros às vezes em inglês, isso na graduação, que a gente comprasse livros ou usasse; quando o livro só tinha em inglês ele falava : “tem esse livro se vocês quiserem ler”. Quem quisesse que lesse, quem não quisesse ler tudo bem, ficava só com a bibliografia em Português, mas a bibliografia dele tinha livro em inglês, francês era uma ... Realmente tava muito adiante do tempo dele, parecia que eu tava num outro curso, aí eu chegava religiosamente dez minutos antes da aula começar, porque eu descobri que ele chegava cinco minutos antes, que era uma característica dele, dava aula às oito horas e não chegava atrasado nunca. E aí eu passei a chegar dez minutos, porque eu achava uma blasfêmia ele chegar antes, eu tinha que chegar antes, como uma forma de homenagem, tinha que ter um aluno lá pra recebê-lo. Mas não conversava com ele, não tinha contato, porque na época não tinha monografia, não era nada, não tinha contato nenhum com ele; tinha essa admiração. Realmente acho que ele foi o mais importante disparado na minha formação, não que eu o tenha como modelo, porque é impossível você ter um gênio como modelo, mas quando se tem uma pessoa absolutamente ímpar como modelo não é, eu tenho que descobrir o meu próprio caminho porque eu não tenho, sou muito mais limitado, eu realmente não tenho esse talento, mas é em termos de admiração primeiro, segundo e terceiro lugar sem comparação.

F : E essa distância em relação aos professores e alunos era de uma forma geral assim com os professores, ou você se lembra que tivesse tido um professor que ... ?

E : Olha eu diria que não havia, hoje talvez até mais sabe ?! Talvez haja até mais porque aquele clima que as pessoas tinham que ser democráticas e tal, acho que fazia com que, fora alguns casos, não era nem o caso do professor Ciro, a gente

que tinha uma admiração tão grande que tinha dificuldade, mas ele era extremamente informal, né, a verdade não é ... a aula dele era muito séria, muito competente, mas não tinha grande barreira. O professor Falcon já era de outra geração, eu acho que a gente sentia, aqueles professores que dá vontade de levantar quando ele entra em sala, né, mas o clima era bastante informal, a gente chamava o professor às vezes pelo nome, não tinha formalidade muito grande não, não era um ... e tinha eu acho que a relação era mais conflituosa, comparando com os dias de hoje, os professores eram muito cobrados pelas posturas políticas deles. Hoje é uma minoria de alunos que faz isso, escreve em jornais, fazem uma coisa meio, colocam uns Dazibaos, falando que o professor é assim que o professor é assado, mas na época não, as turmas mesmo batiam de frente, tinha uma cobrança política. A sala de aula era vista politicamente, uma maneira meio errada, porque ficava meio luta de classes o professor como fosse o patrão e os alunos os empregados, porque era a única coisa que a gente conhecia na época; o professor estava acima então devia ser o patrão, nós estávamos abaixo devíamos ser os explorados, os empregados ou coisa do gênero. Mas havia um radicalismo às vezes excessivo, mas fazia com que os professores não botassem muita banca, porque não era o clima de ter uma distância muito grande entre professor e aluno.

F : E as aulas como eram ?

E : É, em sua maioria as aulas eram expositivas mesmo. Eram aulas expositivas, no máximo aulas de debates de texto, que normalmente eram reservadas mais pra seminários, então havia a praga do seminário no final do curso ou ao longo do curso, sempre aquele grupo de 4 ou 5 alunos, falando de um texto, de dois textos , ou três textos, que a turma não toda tinha lido. Os seminários não se interligavam, os alunos fingiam que prestavam atenção, eram colegas, mas não aprendiam muito com aquilo, porque não tinham lido os textos, não debatiam. Eu acho que era uma coisa meio inócua. E os trabalhos finais, né, eu já estou entrando na avaliação! Fazia parte de um todo, mas aulas expositivas, uma combinação de aulas expositivas com seminários e trabalhos finais. O único caso que eu lembro que saiu desse rame-rame, dessa coisa toda, e prova havia um pouco mais de prova do que hoje, às vezes os professores faziam provas

F : Sem consulta ?

E : É, às vezes prova sem consulta, havia, havia, na época ainda havia, era minoria já mas ainda havia mais do que hoje. Mas o único que mudou essa coisa totalmente foi o professor Ciro, ele deu uma prova, mas o trabalho final foi super interessante porque a turma toda leu o mesmo livro, que na verdade era fonte primária, que era o *Ilíada* e a *Odisséia* e cada um fez um trabalho : um trabalhou os escravos, outro trabalhou as mulheres, outro trabalhou os nobres, outro trabalhou a questão da riqueza, os deuses, mas todo mundo tinha lido os mesmos livros, a mesma fonte, então era fantástico, porque a cada aula a gente via aquele mundo ser iluminado de uma forma absolutamente diferente, uma concepção de seminário como trabalho coletivo, porque ao final do curso, e nós já estávamos treinados com a análise de fontes primárias então as aulas não eram totalmente expositivas, então sempre pra quebrar a aula expositiva, havia o uso de fonte

primária. Isso realmente copiei sem menor pudor, quando era professor de História Antiga as minhas aulas eram muito mistas, sempre com uso de fontes primárias, sempre pegava as fontes primárias para serem usadas na sala de aula; raramente dava uma aula inteira expositiva sem utilizar uma fonte primária sequer, que eu percebi que era um instrumento didático fantástico. Que a aula expositiva é muito cansativa não dá pra dar duas horas de aula expositiva e os alunos prestarem atenção.

F : Slides não utilizavam ?!

E : É o professor Ciro usou, um outro professor foi o único que usou, foi o professor Edmilson, também foi um grande professor, uma oratória fantástica, dava grandes palestras, todas as aulas dele eram palestras assim que realmente hipnotizava os alunos, assim um dos grandes professores, e o Edmilson usou os slides do Savanarola, um herege que foi queimado, se eu não me engano em Florença, e o Ciro, o Ciro usou muito slides desde a pré – história até Roma, teve umas quatro sessão de slides. Eu também procurava usar slides, isso também foi outra coisa que eu copiei, porque eu achei assim : “ Pó, que maravilha” . Porque nenhum professor usava retroprojeter, slides isso na minha Faculdade era mais “cuspe e giz” que qualquer outra coisa, não tinha uso de recursos; música não me lembro de nenhum professor usar em sala de aula, embora em minha época houvesse professor que era considerado ímpar por isso, que era o professor Osvaldo, infelizmente já falecido, que estudava Rio de Janeiro, que usava música, usava samba e tal ele foi assim, inclusive na dissertação dele ele usou, inclusive ele era conhecido, aquilo era um escândalo, um escândalo positivo, mas considerado absolutamente inovador, né, que a aula era muito intelectualizada era aquela coisa, usar um recurso assim parecia uma coisa meio extravagante, meio bizarra, mas o professor Ciro em História Antiga usou muitos slides.

F : Quais eram as possibilidades de pesquisa em sua época ?

E : Na verdade havia muito poucas, porque havia as monitorias, que na época, nem sempre eram de pesquisa, às vezes eram auxílio ao professor, o professor faltou você passa um trabalho pelo professor, passa uma prova, ajuda alguma coisa num trabalho dirigido, ou faz levantamento de fontes primárias. Mas eu desconheço que, na época, a monitoria realizasse trabalho de pesquisa. A bolsa de Iniciação para alunos era uma coisa muito rara, muito rara, quando tinha um aluno que fazia isso a gente achava : “Poxa, você tem Bolsa de Iniciação ?!”. Era assim um extraterrestre hoje em dia qualquer aluno de quinto período já passou por uma experiência de bolsa, alguns professores já estavam começando a pesquisar e alguns talvez já contratavam alunos como auxiliar, eu não lembro, deve ter começado mais ou menos nessa época, mas não lembro. E você tinha praticamente a única instituição que abria estágio era o CPDOC, mas eu não me interessei pelo CPDOC porque era história do Brasil, às vezes pintava uma chance, por exemplo, pintou uma chance dessas pra mim que foi uma bolsa sobre as condições de vida do operariado carioca no final do século passado e início desse século. Aí eu trabalhei nesse, aí foi um projeto de pesquisa, de análise de jornal, a gente quis fazer um guia de fontes pra estudo do operariado, uma coisa muito bem feita pela professora Eulália Lamio Lobo, pela professora Ismênia de

Lima Martins, chefiando uma enorme equipe, isso já foi no final da Faculdade, acho que já eram os primeiros projetos de pesquisa coletivos que a CAPES tava ... já havia essa coisa de formar os professores, de ter doutorado, mestrado; e foi um projeto grandioso, realmente a gente levantou as fontes aqui na Biblioteca Nacional, por exemplo, você lia um jornal operário de uma determinada época, você lia alguns números aí você identifica qual era a linha do jornal : se era anarquista, se era comunista, quais eram as principais colunas, que havia normalmente no jornal, que tipo de notícia ele dava e colocava também de que época existia esse jornal na Biblioteca Nacional. E no Arquivo Edgar Leuenroth que é um arquivo lá em Campinas de memória operária, onde eles compraram muito microfimes de arquivo histórico de anarquista, de memória operária que tem em Milão, então foi interessante que eu vi que o Brasil precisava pagar *royalties* pra estudar a sua própria história, comprar porque durante o período de repressão da própria República Velha, que foi um período de repressão muito grande ao operariado não havia nenhum estímulo de preservação desses jornais, às vezes foram preservados heroicamente, você tem coleções falhas, coleções incompletas, mas tem fontes bastante relevantes. Foi o único trabalho de pesquisa que eu fiz, em História Antiga nem pensar, não havia nenhum laboratório nem de História Antiga nem de História do Brasil, e as possibilidades de pesquisa eram sempre individuais e coisa muito limitada, então tive essa experiência em História do Brasil, mas não era meu campo, não me entusiasmava meu negócio era História Antiga mesmo, História da Grécia

F : E como eram as seleções das bolsas ?

E : Olha no caso do CPDOC acho que sempre foi prova, embora eu não tenha feito então não sei, mas no caso dessa bolsa de pesquisa eu fui aluno da Ismênia e os outros alunos selecionados foram alunos dela também, então ela de certa maneira escolheu dentre os candidatos que se ofereceram, aqueles que tinham sido alunos dela, que ela tinha conhecido; aliás eu estou com a memória falhada Fábio porque eu acho que teve um processo de seleção sim, não foi exatamente uma prova, mas ela pediu pra gente escrever alguma coisa do tipo qual era o nosso interesse pelo projeto, alguma coisa do gênero, mas eu também no meu caso eu fui aluno dela, ela já sabia mais ou menos, por aí também ela pôde escolher

F : O sr. teve alguma experiência de ensino durante a graduação ?

E : Tive, tive uma experiência ótima quando eu estava no 2.^a ano ou terceiro ano talvez, eu fui chamado da noite pro dia de um dia pro outro pra dar aula em Vilar dos Teles, fica em São João de Meriti, em uma escola particular, noturna, pro segundo grau, só que era de História Antiga, aí foi uma festa, né, primeira aula que eu dei foi sobre a pré-história e ... foi super interessante pra mim, foi muito legal, foi minha primeira experiência não só de ensino e que foi muito positivo eu gostava muito de dar aula, desde do início eu via que eu era apaixonado por aquilo, que era aquilo que eu queria fazer. Mas também hoje eu vejo que foi a minha primeira experiência fora da zona sul, de conhecer um lugar de periferia, mais pobre, tomar contato com aquela realidade, com os alunos. Isso também eu acho que foi muito importante, uma sementinha que na época não germinou, mas

que já deixou lá uma experiência diferente, mínimo de alteridade, porque eu sempre fui rapaz de zonal sul, colégio, só pra Universidade só estudando, só estudando, então experiência de vida era muito pouca, uma espécie de peixinho de aquário, então você não conhece não sabe como é o mar. Rochedo, nunca pegou uma tempestade, desconhece tubarão; e ali percebi que a vida não era tão rosa.

F : E esse curso era supletivo ?

E : Não, não era curso supletivo era um curso normal, regular, mas eu dava aula de História Antiga pro primeiro ano do 2.^a grau, o que era pra mim fantástico poder dar aula de Grécia, Roma e outras coisas menos, Egito, mas de Grécia particularmente era uma festa. Dar aula de História Antiga era ... eu dei aula lá um ano, teria continuado se não fosse uma questão salarial, eles pagavam muito mal, mas muito mal mesmo, tipo assim : o mês inteiro que eu trabalhava lá eram duas vezes por semana.

(FITA 2)

Bom aí eu reclamei com o Diretor num final de um ano, porque minhas aulas, assim, modéstia à parte, os alunos gostavam das aulas, eu já tava com mais confiança. tinha o piso salarial para os professores ele pagava abaixo do piso salarial, e pra mim, e outros estagiários, ele pagava a metade do abaixo do piso salarial, e aí eu fui pedi à ele para que me pagasse abaixo do piso salarial, ou seja, como um professor regular, mas ele não aceitou, também já tinha tido minha experiência e ... tava meio zangado porque o professor era comunista e riquíssimo, morava em Niterói, e eu achava aquilo uma exploração porque os aluno ou pagavam dos próprios bolsos ou as empresas que pagavam através do salário educação, então eu achava aquilo uma coisa extremamente mafiosa.

F : O diretor ?

E : É o diretor, os filhos riquíssimos morando numa mansão em Niterói como moram até hoje, e o sujeito só bebendo uísque, comunista de fachada, eu fiquei irritado, me senti meio explorado naquela situação, mas a experiência foi fantástica, guardo com muito carinho até hoje. Meus primeiros alunos lembro, pego o nome de uma, a Nilcéia, teve um episódio. Foi muito importante pra mim, foi uma coisa absolutamente decisiva: tinha certeza ao contrário dos meus colegas : "ah será que eu vou ". Eu falava não : "eu sou professor, acabou, não sei se bom se é mau, mas eu sou professor nasci pra isso é isso que eu quero fazer na vida". Podia ter certeza absoluta que eu tinha escolhido a carreira certa.

F : Como o sr. a valia a sua formação durante a graduação, os pontos fortes e fracos ?

E : Foi mais fraca do que forte . Foi mais fraca do que forte porque ela foi muito cheia de altos e baixos eu lembro que na época alguns períodos de História, particularmente de História Geral, praticamente não foram cobertos, porque havia

aqueles professores que eu falei que eram professores na verdade de 2.^a grau melhorados ou piorados. Como eu não fiz o meu curso fazendo matéria de manhã e à noite eu não peguei sempre os melhores professores, então eu não tive uma formação então lá maravilhosa não, mas eu tive uma sorte fundamental que foi ter aula com o professor Ciro, isso foi absolutamente decisivo. Não é que tenha consertado tudo, todos os erros anteriores, mas foi absolutamente fundamental, foi no início um bom empurrão pra realmente eu ter uma base mais sólida pelo menos em História Antiga, pelo menos nesse ponto de partida, mas foi falho porque nem se trabalhou muito documentos, fontes primárias, quer dizer, nem eu fui muito formado como pesquisador, digamos assim, nem houve uma preparação teórica propriamente dita, por conta disso, daquela coisa do economicismo e tal e nem foi um curso que eu tivesse aprendido toda a História de forma homogênea, nem um período da História tivesse sido assim mal coberto, então era uma formação falha, cheia de problemas do ponto de vista teórico, muito fraca, claro que cada um também é responsável pelo seu curso. Eu poderia ter estudado mais teoria, por exemplo, eu mesmo poderia ter me dedicado mais à teoria, mas não me dediquei não.

F : E o curso privilegiava mais a formação de pesquisador ou professor ?

E : É, eu acho que tava numa transição, acabava não sendo nenhuma coisa nem outra, mas na época claramente os alunos tinham a visão de serem professores quase que exclusivamente. Particularmente na minha turma, não posso dizer por outras turmas. Mas ninguém se via como futuro pesquisador, era muito difícil porque na época não tinha quase, mesmo a carreira quem quisesse seguir carreira, fazer mestrado, na verdade se via mais como alguém que ia se tornar professor também, mas só que professor universitário, não se via como pesquisador, alguém que vai escrever livro, se dedicar a vida toda a pesquisar um determinado tema, ser especialista num determinado tema; a gente não pensava nisso, a gente não falava nisso, a gente se via mais como futuros professores, a discussão basicamente era essa.

F : E seus colegas de turma seguiram que caminho ?

E : Muito poucos foram pra História, muito poucos permaneceram na História, embora eu não tenha um apanhado absolutamente geral, mas pelos poucos que eu encontrei foram poucos que ficaram na História, muitos abandonaram. Até porque História é um curso que tem muita gente que é curiosa, quer conhecer a História e pronto: é um assistente social., às vezes é uma pessoa mais velha, tinha até pessoas mais velhas na minha turma e não agüentam a barra do cotidiano do professor que é muito pesado, os colegas abandonaram depois de alguns anos, depois de uns cinco anos, três anos; o sujeito não agüenta mais quarenta horas, cinqüenta horas, ganhar mal, e aí tem uma boa formação e ele vai pra outro canto. Isso acontece até hoje, encontrei um aluno que eu orientei na monografia, é até uma monografia interessante, embora de mau gosto porque foi sobre o Vasco da Gama, mas ... eu encontrei com ele no samba esse Sábado e ele me falou que depois de um ano ele desistiu da História e hoje é Consultor de Gestão empresarial, como é que ele se transformou tão rapidamente em Consultor

de Gestão empresarial você não me pergunte, mas ... as pessoas se viram, pouca gente seguiu. Da minha turma, não foi exatamente da minha turma, bom da minha turma de um outro professor da UFF que é o Antônio Ribeiro Jr. ,que é professor, se eu não me engano, do IACS, ele é professor de fotografia, da História da fotografia, porque ele já era fotógrafo, então é interessante que ele foi pra área que ele já tinha uma formação, o professor Edgar que atuou aqui na UFF, atualmente atua na UERJ, também foi da minha turma, que eu me lembre da minha turma pra área universitária são esses casos, e houve colegas que um semestre antes de mim, praticamente da minha turma, a professora Márcia Mota, de uma turma antes de mim ela também é professora da Universidade que eu me lembre são os alunos da minha época, os colegas da minha época que se tornaram professores universitários. Os que se tornaram professores do 2.^a grau eu não tenho muito controle não, mas parece que poucos estariam até hoje em ação, mas também já são 15 anos, em 15 anos acontece muita coisa na vida da gente.

F : E quando o sr. acabou a graduação os sr. ficou dois anos pra poder fazer o mestrado ?!

E : Não, quando eu acabei a graduação. A história não é bem assim. Quando eu acabei a graduação, antes de eu receber o diploma teve um concurso aqui pra UFF, e na verdade era uma seleção pra professor visitante, na época a função era essa pra professor visitante, apareceram sete candidatos. Eu não queria fazer o concurso porque eu temia dar vexame, pagar mico, na época não se dizia pagar mico mas era isso. E o professor Ciro tava na banca, e eu tinha muito respeito por ele e achava que eu não queria pagar mico, principalmente diante do professor Ciro, mas um colega me convenceu a fazer, era concurso de História Antiga e Medieval, eram cinco pontos de História Antiga e cinco pontos de História Medieval, eram dez pontos eu tinha mais ou menos doze dias pra estudar, isso foi em outubro de 84, eu já tava formado mas não tinha recebido o diploma, mas tinha terminado as minhas matérias. Aí eu estudei: reservei um dia pra cada tema, estudei lá o que eu consegui. Os candidatos todos, com exceção do meu colega tinham o mestrado e um tinha doutorado feito na USP, em História Antiga ou em Arqueologia, que era o candidato mais forte. Eu dei sorte na prova escrita caiu um tema de Roma, mas um tema que tinha sido trabalhado no curso do professor Ciro eu tinha uma bibliografia atualizada, eu tinha lido livros em francês em inglês sobre o tema; eu tinha facilidade pra escrever prova, escrevi rápido, então se não me engano eu escrevi onze páginas ou doze páginas com a bibliografia e tudo, fiz análise. Eu tirei uma boa nota, nove ou acima de nove, e eu e esse candidato ficamos na frente. Depois teve uma prova aula que foi de História Medieval, caiu um tema, eu não entendia muito do tema, que era as invasões da Europa, eu só tinha lido um livro que era do Marc Bloch, eu comprei outro que era do Duby, sai daqui da UFF quando teve o sorteio, fui pra Leonardo da Vinci e comprei outro, por sorte o Duby desmentia o Marc Bloch, não desmentia, mas Marc Bloch falava da guerra, da chegada dos normandos, enfim dos vikings como destruição, uma onda destrutiva do pânico, do terror e o Duby tinha aquele enfoque antropológico, falando do que a guerra trazia, porque a guerra também traz costumes, valores novos, acabava dando uma dinamizada na economia européia. E aí eu montei

minha prova aula na oposição entre os dois autores mais duas ou três coisas que eu tinha lido também de apoio e dei a aula. Me saí bem na aula, o outro candidato, doutor, se deu mal na prova aula, aí fui contratado pra dar aula aqui na UFF, e fiquei, depois fui ficando, o meu contrato foi sendo renovado, renovado, renovado. Aí teve uma época que o Sarney transformou os professores visitantes da época, que já estavam há mais de dois anos, em professores da casa, então eu fui transformado em professor. Mas o concurso foi totalmente como um concurso normal, só que na época não se dava tanto peso ao *curriculum*, o que explica eu poder ter entrado com a graduação na Universidade. A área da História Antiga era também específica, era uma área que não havia ninguém com mestrado. Eu em 92 fui o primeiro de todo o departamento de História a ter um título em Antiga, pra ter idéia disso em 92, muito tempo depois. Eu entrei no mestrado quando era o mestrado de História do Brasil pra fazer uma dissertação de Antiga, mas o mestrado era História do Brasil. Fiz prova de História do Brasil sobre A Conjura do Rio de Janeiro, meio semelhante à Inconfidência Mineira, estudei História do Brasil mesmo. Fui fazer a prova, passei por uma banca de História do Brasil e falei: “vou fazer uma dissertação em Antiga”. Como eu tinha um grande orientador que era o Ciro, então ninguém se preocupou, tudo bem vai dar pra ele fazer. Mas não tinha bibliografia, não tinha biblioteca, não tinha nada, tinha que fazer tudo sozinho, tinha que montar a biblioteca sozinho, tinha que arrumar as fontes sozinho, por isso também eu arrumei a bolsa sanduíche. Mas então eu demorei dois anos pra fazer o mestrado porque quando eu comecei a lecionar, sai apavorado. Eu tinha uma crítica muito grande, uma exigência muito grande em relação aos meus professores, e aí o jogo virou, né, agora eu era professor e .. chorava, chorava. Chegava em casa e chorava, chorava, lamentava as aulas que eu tinha dado, lamentava, achava a aula lamentável, eu achava a aula lamentável. Não conseguia relaxar, assim eu tinha que ler, eu descobri que a única coisa que me fazia relaxar era ler os classificados dos jornais, porque qualquer outra coisa se eu pegava um livro eu me lembrava de algum assunto da aula, se eu tivesse falado de Economia, se falasse de dinheiro eu lembrava do que eu tinha falado e achava que era uma besteira, e que eu não tinha estudado suficiente, que a aula não tinha sido boa, e aí eu peguei os classificados, o jornal lembrava de tudo, peguei os classificados: Chevette ano 80, cinza metálico todo equipado, era o que eu fazia dormir porque eu várias vezes chorei, vivia num constante ataque de nervos, rezando pra ter um feriado, mas não pra passar pra poder preparar mais a aula. Vinha preparando aula na Barca, vinha lendo até o último segundo, preparava já as minhas aulas batia tudo à máquina, chegava com o texto da aula pronto pra ter mais confiança, mas talvez por essa aplicação, por perceber isso eu nunca botei banca, nunca disse que minha aula ia ser boa nem nada. Sempre dizia para os alunos, tinha cara de novo, de jovem, era um garoto tava dando aula pra outros garotos, todo mundo achava no primeiro dia de aula que era aula trote, isso não facilitava em nada minha auto confiança. Não era daqueles caras que tinham uma barba imponente, que tinham uma voz grossa, então que entram e tem aquela pose professoral, e eu não tenho e graça a Deus hoje eu acho uma dádiva, até hoje eu não tenho essa pose professoral, porque eu acho que não tem nada a ver com a relação de aprendizagem, não é preciso ter essa pose pra ensinar, mas atrapalhava um pouco no começo. Eu não tinha muito auto confiança e os alunos

também não, mas no primeiro período, eu guardo até hoje, eu ganhei uma coruja que é o símbolo de Palas Atena que esta relacionada à sabedoria por ter nascido do cérebro de Zeus, né, e os alunos me deram um bilhete dizendo que eu tinha sido o melhor professor no primeiro período, aquilo... aí que eu chorei, fiquei emocionado com aquele negócio porque eu não esperava aquela coisa, pra mim era totalmente... mas fiquei muito insatisfeito com as aulas que eu dava. A primeira aula que eu dei, cheguei na Secretária pra pegar a pauta, a Secretária tinha sido minha amiga durante o curso de graduação todo, ela se chamava Virgínia, não é Virgínia professora, era uma secretária que era um maior barato, muito engraçada, maluca, adorada pelos alunos em geral, e eu virei, que era uma espécie de consultora sentimental de todo mundo, todo mundo falava tudo com ela porque ela era tão bacana, deixava todo mundo a vontade, aí eu entreguei a pauta de minha primeira aula e peguei a segunda e falei pra ela assim : “Ó, não dou pra isso , a aula que eu dei foi muito ruim”. Mas eu fui pra segunda aula querendo dar uma aula melhor, que era uma aula de medieval, eu conhecia menos, mas não entreguei os pontos; que nem a minha prova aula, minha prova aula minha primeira frase eu gaguejei a frase inteira ao invés de continuar eu disse : “não tá tudo errado vou continuar tudo de novo”. E comecei a aula de novo e fui até o fim sem gaguejar mais, então eu enfrentei esse desafio que era dar aula, mas eu ficava com crise de consciência tremenda, é que eu se fosse aluno estaria me julgando enquanto professor, mas isso foi bom porque eu meti a cara nos livros, e estudei muito, muito, muito. E trabalhava muito, os alunos faziam muitas resenhas, fichamento, eu era muito duro com os alunos, também não praticava aquela modalidade de facilitar pra que eles não me cobrassem não, cobrava muito dos alunos quase que era uma provocação para que eles me cobrassem também, né. E era um pouco assim meu início foi extremamente duro, depois fui me tornando quase que ... aí eu parei de dar aula de História Medieval porque as duas áreas se separaram ficou mais fácil ainda porque eu passei a dar aula só de Antiga, você não imagina o que é dar História Antiga e Medieval simplesmente é : pré – história, Egito, Grécia, Mesopotâmia e toda a História Medieval que vem desde o fim do Império Romano até as vésperas do Descobrimento, é um negócio absolutamente incrível, aí reduziu um pouquinho, pelo menos uns milênios, um milênio e alguma coisa. Eu pude me concentrar mais em História Antiga aí é que eu fui tudo isso por conta ... quer dizer eu não fiquei parado dois anos antes de eu entrar no mestrado. Eu entrei no mestrado depois que já estava lecionando algum tempo, já tinha ganho alguma confiança, não tinha tanta preocupação com o mestrado quanto eu tinha com as minhas aulas. E eu mesmo sempre fui muito desligado, eu mesmo não estava me ligando o quanto mestrado o doutorado era importante porque na época não era óbvio isso, era uma escolha ia fazer mestrado quem queria com a graduação você se virava, tinha muita gente que dava aula na Universidade, ainda tinha alguns professores na época que não tinham nem mestrado, não tavam nem fazendo não era uma coisa óbvia, mas tinha alguns colegas que me alertaram. Ah outro colega da época, também professor Bernardo Kocher, não era da minha turma mas era exatamente da minha época, professor de História Econômica, também foi aluno na minha época. Depois eu fui fazer mestrado assim, depois que eu já tinha alguma confiança nas minhas aulas depois eu fui fazer o mestrado, foi melhor

assim. Mas sempre o mais importante pra mim foi a minha aula, o curso que eu estou dando no momento sempre foi a coisa mais importante, mais importante que qualquer pesquisa ou mestrado, as pessoas falavam : “ah porque é que você se dedica tanto, corrige tanto trabalho”. Mas eu não queria saber, aquilo era minha obsessão, a minha obsessão era me tornar um bom professor e ser considerado um bom professor. A minha carreira, o meu mestrado ficavam em segundo plano, as pessoas é que começaram a me instigar, falar : “Ó, tá na hora, você não pode demorar tanto com o mestrado, você tem...”. Entre o mestrado e o doutorado eu demorei dois anos, porque eu sempre fui adepto da tese de que a gente precisa amadurecer um pouquinho pra fazer as coisas. Eu poderia ter pedido pra sair, eu não tinha saído no mestrado, não teria problema. Eu era um professor sobre o qual não havia nenhuma queixa, eu creio, a não ser o excesso de trabalho que eu passava e de leituras que eu obrigava os alunos a fazerem, mas não havia queixa, felizmente nunca tive queixa. Ao contrário de minha época, dos alunos pedirem para não ter aula comigo, coisas do gênero. Tinha alunos que fugiam de mim, tinha alguns que até diziam mesmo : “olha não vou fazer o seu curso porque tem muita leitura e não quero, fazer muito fichamento, cronologia, você é maluco você passa muita coisa”. Então no doutorado eu demorei esse tempo porque eu achava que tinha que amadurecer mais antes de fazer. É totalmente diferente de hoje, porque hoje você tem uma carreira acadêmica e o mestrado e o doutorado são absolutamente fundamentais, e eu já tava dentro da Universidade também, não tava mais ameaçado, não tava mais disputando. Minha carreira foi anormal em relação a hoje, hoje o norma é você terminar o doutorado e você entrar na Universidade, eu entrei na Universidade com a graduação. Minha relação maior era dar aula, depois eu ia pesquisar ou coisa assim. O doutorado eu acho que foi a minha primeira pesquisa da minha vida, mas aí também foi violento, né, foi numa outra área, em menos tempo, uma coisa difícilíssima de fazer, arriscada e complexa, aí realmente eu estreei, entrando no caldeirão fervendo logo, foi uma coisa que eu tive que botar pra quebrar, eu tive que me desdobrar e me esforçar ao máximo. Mas foi a primeira vez que eu gamei numa pesquisa, que realmente eu tava fascinado pelo que eu tava fazendo. Em termos de pesquisa foi no doutorado, no mestrado não, gostava do meu tema, mas o meu negócio era a sala de aula. Sempre foi.

F : E o departamento como era na sua época ?

E : O departamento em minha época ? O departamento em minha época era grande e conflituoso, porque na verdade havia uma prática que era resolver tudo em assembléia, debater tudo na assembléia, não havia como hoje as comissões que certa maneira preparam os trabalhos. E havia uma disputa muito grande, eu lembro que houve verdadeiras batalhas, por conta ... tava mudando a qualificação do professor agora ser doutor era extremamente importante, tava havendo uma profissionalização, uma especialização, e todo mundo queria via isso como uma corrida, hoje eu vejo isso, era uma corrida todo mundo queria chegar na frente. Antes mesmo de se instalar esse clima de competitividade, para as pessoas se qualificarem para a competição elas já estavam correndo, eu sempre fiquei à margem dessa história, sempre perguntavam porque eu não ia fazer o doutorado agora, eu dizia : “espera, eu sempre tive o meu ritmo”, mas as pessoas não, todo

mundo desesperado, teve professor que passou na UFF deu aula seis meses e saiu pro doutorado porque não havia, digamos assim, um bom senso, que limitasse isso, o cara queria fazer o doutorado dele, queria sair. Então era uma coisa assim, saíam muitos professores a cada semestre pra fazer o doutorado, o departamento em massa tava se doutorando, e contratavam mais professores pra substituir os que estavam saindo, eu mesmo fui contratado em uma dessas, o professor substituto era o professor que tinha saído pra fazer o doutorado na França, na Inglaterra, muitos no exterior, né, alguns em São Paulo, e com essa movimentação toda você pode imaginar que mudança o tempo todo não havia muita acomodação, havia muito conflito no departamento por conta dessa prática também de assembléia. Tinha um rescaldo ainda, foi época de participação política, de abertura coisa e tal. Participar, debater era o máximo aí viravam batalhas, era um negócio realmente ... o departamento tava dividido de maneira diferente de hoje, hoje a reunião é um pouco em torno dos laboratórios. Na época eram as áreas: história antiga, história medieval, história contemporânea, história do Brasil, história econômica. Então a guerra era entre as áreas, porque, assim, o professor de uma área queria sair, então a área toda primeiro o professor de certa maneira tinha que ter a licença de sua área para sair, mas uma vez tendo a licença, a área ia apoiar que ele saísse, que quanto mais rápido ele voltasse, mais rápido o professor da mesma área poderia sair. Ninguém ia dar aula de história antiga, só os professores da área de Antiga. Então isso dava pano pra manga.

F : Uma luta hobbesiana !

E : Era, era uma luta hobbesiana. Era uma coisa um pouco assim. E era um departamento, na época, eu acho que com características diferentes de hoje, é que eu creio, eu tô chutando tá, parei pra pensar e não coloquei no papel, acho que havia mais professores formados na UFF do que hoje, ainda há muitos, mas hoje a nossa variedade no departamento é maior: pessoas que vieram da antropologia, não estou falando do meu caso não, pessoas que fizeram mestrado em Antropologia e depois fizeram doutorado em história e entraram, tem gente que veio da UFRJ, da PUC, uma variação talvez maior. Na nossa época, cerca de 80% dos professores eram formados na UFF, estavam fazendo mestrado na UFF e eram professores da UFF. A variedade departamental de origem, eu acho que hoje também é maior, quer dizer, que às vezes era pior, porque as picuinhas já vinham lá da época de aluno. Não era o meu caso, eu achava, uma vez numa assembléia de estudantes eu falei assim: “eu duvido que alguma vez eu venha a ser professor da UFF”, por conta das brigas. Teve até um colega, pra você ver como era a época da patrulha ideológica, teve um colega que depois que eu passei no concurso, veio checar comigo: “ué, você não falou que você não ia ser?”. Aí eu falei: “eu pensei é que não iam me deixar ser, não estou dizendo que não queria ser”. Porque realmente eu não tinha projeto de ser, apareceu o concurso eu fui fazer, como eu tinha prometido pro meu pai, que o primeiro concurso que tivesse eu ia fazer, na minha área eu vou disputar, mas não tinha nenhum projeto. Eu não fazia projeto, meu projeto de vida era ser professor de Paquetá, professor de 2º grau não sei onde, ir pro nordeste, enfim, uma coisa bem relaxada. Não tinha projeto de ser professor universitário. Apareceu, pintou, eu fui fazer, mas teve um colega que veio: “ué, você não tinha dito que você não ia?”. Eu falei:

“Não. Vê o contexto que eu falei. Eu falei que eu briguei com tantos professores que eu achei que não ia entrar no departamento. Quer dizer, iam barrar minha entrada, era isso claramente que eu estava dizendo”. Mas não foi o caso, porque a banca era uma banca que não tinha nada a ver. E tinha o professor Ciro presidindo, que é também um sinônimo de isenção, nunca foi de nenhuma panela, de uma panela especificamente, e aí, pronto, eu passei. Mas se eu tivesse tentado em outras áreas eu não teria tido a mesma sorte, eu acho.

F : E as condições de trabalho, como eram?

E : Olha, as condições de trabalho, a gente analisando hoje, do ponto de vista salarial, eram realmente muito melhores, embora na época, tivesse sido professor visitante, professor auxiliar, eu não ganhava muito. Quer dizer, na época que se pagava muito eu ganhava pouco. Eu sou realmente azarado, mas, dizem os professores mais antigos, que a bolsa de mestrado por exemplo ajudava, pessoas que eram casadas, um homem e uma mulher, que tava com dois com bolsas de mestrado, dava pra juntar dinheiro e viajar no final do ano. Infelizmente eu não peguei essa época, mas isso foi anterior. Mas salarialmente era muito melhor. Mas eu diria que, de uma maneira geral, as condições de trabalho, fora o ponto de vista salarial, elas melhoraram tremendamente. A nossa biblioteca era péssima. Nós temos hoje uma biblioteca razoável. Nós temos hoje uma biblioteca da pós bastante especializada, que eu fico maravilhado com os livros que tem na biblioteca da pós. Alguns professores podem achar até isso estranho, porque são mais exigentes do que eu, mas também não tem a memória que eu tive do meu curso de graduação, que não tinha nada na biblioteca, nada. Hoje você tem muito mais periódicos, muito mais livros. Eu acho que a biblioteca é muito pouco utilizada, então eu acho um recurso fundamental, eu acho uma condição de trabalho fundamental. E hoje a gente tem essa condição de trabalho muito melhor que a gente tinha antes. Hoje a gente tem laboratório que colocam às vezes que reúne, agrupa professores, tem debates, na época você tinha muito menos debate. Se você tinha debate, era só de temas políticos, não havia tantos debates especializados por área, você não tinha pós-graduação lato sensu, só a área de História Antiga fazia de vez em quando alguns cursos de extensão, mas você tinha muito pouco. Então as condições de trabalho salarialmente eram boas, mas eu diria que a universidade era menos dinâmica do que é hoje. Ela tinha uma ligação menor ainda do que ela tem hoje com a sociedade. Em termos de biblioteca, era muito ruim, só as condições salariais eram boas, boas que eu digo não eram as minhas, né? Inclusive, quando eu dava aula na universidade, no segundo ano eu passei pro Estado também, dava aula no Estado também, dava aula em Campo Grande pra complementar, porque meu salário de visitante era irrisório.

F : Qual escola?

E : Raja Gabaglia. Fica em Campo Grande. Era uma escola noturna, também de 2º grau, não era supletivo, uma experiência semelhante àquela de Vilar dos Teles. Depois eu abandonei, quando eu me transformei professor dedicação exclusiva, eu podia abandonar o Estado. Foi uma experiência muito boa, mas, do ponto de vista salarial, eu tinha que optar, eu optei pela carreira universitária.

F : Como o departamento acolheu sua escolha em se doutorar em Antropologia e não em História?

E : Bom, aparentemente não houve maior problema. Que eu saiba, não chegou aos meus ouvidos, porque quando eu fiquei afastado, eu fiquei afastado. Eu era um professor muito participativo, ia sempre às reuniões departamentais, que eram verdadeiras assembléias, mas durante meu afastamento, eu fiquei afastado mesmo, porque, só em História Antiga, eu tinha uma pesquisa enorme, eu tinha muita coisa em São Paulo, que era onde eu tava fazendo meu doutoramento. Então, no final do primeiro ano, quando eu fui fazer o relatório, eu fiz o relatório de História Antiga, mas já pedindo a mudança para Antropologia, inicialmente para a Penitenciária Lemos Brito. Foi um escândalo, né? Quem me encontrava dizia que eu estava maluco, mas a instituição não colocou nenhum óbice, não colocou nenhum obstáculo. Aceitou tranquilamente até porque eu tinha mudado simplesmente de tema, fazendo doutoramento em Antropologia. Na verdade o doutoramento em Antropologia, porque era um doutoramento em História Antiga. Minha orientadora tava na Antropologia coisíssima nenhuma, era História Antiga, teoricamente, tematicamente era Antropologia, era Antropologia sim, mas antes mesmo de eu fazer uma tese em Antropologia mesmo, no projeto eu já estava lendo muito Antropologia. Eu já tava numa fase realmente, por conta da Escola de Paris, do Vernant e outros que usam muito Antropologia., a Escola Sociológica Francesa sobretudo, eu já tava mergulhado na Antropologia, mas o tema era História Antiga, então tava tudo certo, aí fui como recebeu do ponto de vista de eu fazer a tese tudo bem, assim aparentemente não houve grandes problemas, as pessoas me perguntaram, questionaram, depois é que eu vim perceber que foi pior que eu pensava. Na verdade não foi muito digerido isso, mas sim a coisa de sair da História Antiga e ir pro campo da História contemporânea, estudar favela, estudar penitenciária, este tipo de coisa, quer dizer, pelas piadinhas, né, a gente denota, a gente percebe uma má receptividade, até uma certa ironia dos colegas em relação a isso que o departamento de história, eu acho que a gente tem que analisar isso friamente, o departamento de História hoje é um departamento enraizado na pesquisa histórica, na documentação. Então são historiadores sérios que trabalham em arquivo do século XVIII, século XIX, trabalham com montanhas de documentos, realmente são aqueles aspiradores de pó de arquivo histórico mesmo, aquele pó secular e meu tema era totalmente um tema de Antropologia, uma coisa que tava acontecendo, fazendo trabalho de campo, não se baseava em documentação escrita, então não era uma coisa de ofício mesmo, meu *metier* era outro, meu *habitus* era outro, a coisa do antropólogo de ser mais observador, observar mais, o cientista social o que está em torno dele de arriscar uma interpretação de coisas que estão acontecendo agora e não aquela coisa tão grande da erudição do Historiador de se fundamentar em pilhas de fontes, num trabalho que às vezes leva cinco anos, oito anos, dez anos, vai pra Portugal, vai pro Arquivo Nacional, vai pro IHGB, e eu tive que ir pra favela de Acari, então de repente fica uma coisa assim, um te leva a perguntar se isso é História, isso vale a pena para o departamento de História, isso serve para alguma coisa. E particularmente no meu caso eu era conhecido como professor de História Antiga, falou em História Antiga, do ponto de vista da competência, da excelência era o

professor Ciro, mas do ponto de vista de ser o vibrador da História Antiga , daquele que, vibrador é um termo que a gente usa no Exército para dizer que aquele cara é apaixonado por alguma coisa, era eu o cara que era exclusivamente... o professor Ciro atuava em outras áreas, eu atuava só em Antiga e eu era o homem de História Antiga, gostava, adorava. Então de repente você sai das raízes da Civilização Ocidental, aquela coisa da Grécia, uma coisa altamente respeitada, que era marginal que assim ninguém conhece, ninguém dá grande importância hoje, ninguém vai estudar isso, não vai ser o departamento de História não vai se voltar para isso e nem vai privilegiar esse setor, mas era altamente respeitado, um ar grandioso. E de repente você vai se misturar à favela, eu tive a minha primeira lição como cientista social, que é essa coisa do estigma, ela existe. E o estigma do lugar, do tema a ser estudado, ele às vezes gruda no pesquisador, o pesquisador tem dificuldade. Ao contrário da Ciências Sociais que digamos assim o paradigma é você ser inovador , então o cara que vai estudar uma coisa pela primeira vez uma coisa ou que tem coragem de estudar a favela ou o tráfico, o trabalho de campo e tal, das pessoas gostarem e ficarem admirada com isso de você ser inovador. Em História não, em História não tem esse valor, o valor é você seguir a tradição, o sujeito usou um quilômetro de documentos você vai usar dez, você vai fundamentar mais ainda. E você ser inovador, partir pra um outro campo de estudo em História não é tão valorizado assim, como sempre continuei uma pessoa um pouco polêmica mesmo depois de ter me tornado professor, eu ia as reuniões de departamento, entrava em choque, não tinha nenhuma igreja, não entrava em nenhuma panelinha, não fazia política, nesse sentido de combinar no corredor o que eu ia falar nas assembléias, quer dizer, eu acho que também foi uma coisa que alguns viram como alívio, certa maneira se eu continuasse em História Antiga eu acho que, aparentemente eu teria uma projeção, eu seguiria uma carreira mais sólida, entende ?, eu teria mais respeitabilidade. Mas eu tô me danando pra isso, eu vou fazer o que eu sempre fiz por aquilo que eu estiver apaixonado, que eu achar mais importante pra mim e pra sociedade, pra formação dos alunos no curso em que tô inserido, então eu não ligo muito pra isso, senti um pouco porque eu sou cria da UFF, né, eu fiz a graduação na UFF, eu fiz o mestrado na UFF, sempre dei aula desde o começo, desde que eu me formei, quer dizer, eu tenho 16 anos de UFF, sempre me dediquei de corpo e alma à UFF. De alguma maneira você se sentir essa sua escolha questionada, você se sentir um pouco marginalizado dói um pouco, mas não dói em termos de sucesso : “ah eu não tenho sucesso”. Não, porque lá fora que é um mundo muito maior o meu trabalho tem cem vezes mais repercussão que tinha em História Antiga, aí eu sou chamado pra falar no ISER, pra falar pros evangélicos, pra o pessoa da favela, o curso de Segurança Pública me chama, entende? São fóruns muito mais variados, muito mais amplos, muito mais abertos do que até a própria Universidade ou um curso, especificamente falando, mas dói um pouco é não perceber que eu fiz o que eu achava que deveria fazer, enquanto eu dei aula de História Antiga eu creio que depois de alguns anos eu fui um professor e extremamente dedicado, e agora eu estou dedicado à estes novos temas que eu estou aí estudando, espero também me tornar num bom professor, num bom pesquisador nessa área, mas foi é difícil, ainda é complicado. É interessante as pessoas estudam muito Antropologia, gostam e elogiam a

interdisciplinaridade coisa e tal, mas quando chega na hora H cada um tem o seu *habitus*, e não ele é historiador, ele não trabalha com documento, ele não trabalha com arquivo, não, então não é do clube, não percebendo que o hibridismo, tem uma passagem do Marcel Mauss, que ele fala isso que a ciência avança em direção ao desconhecido, e o desconhecido tá sempre na junção entre duas disciplinas, não é nem a Física nem a Química é a físico-química, né, nem a Matemática nem a Física é um campo intermediário dos dois. E eu acho que um campo intermediário entre Antropologia e História, essa troca, é uma coisa interessante de se fazer. Até quando eu fui fazer meu trabalho de campo minha orientadora chamava atenção pra isso: “você tem umas coisa que antropólogo não teria paciência pra fazer”. Até de recolher documentação lá em Acari, pesquisar o pouco que tinha de arquivo, que tinha de ... o antropólogo vai lá e faz o trabalho de campo só e eu tinha essa preparação ou esse cacoete do historiador que ajuda, agora, eu tive que aprender muita coisa de Antropologia que aluno de terceiro período sabe de trabalho de campo, eu aprendi lá, mas eu aprendi mesmo, não era exercício não, eu tava fazendo mesmo, era ... e o couro comendo lá eu tinha que aprender no peito e na raça, então eu acho que aprendia alguma coisa, foi bom. Pra mim foi uma coisa maravilhosa, foi uma mudança, eu acredito nisso, eu não acredito em mudanças acadêmicas, em mudanças temáticas, eu acredito em mudanças existenciais, você realmente acha que aquilo é mais importante, você ter motivos enquanto cidadão, pra fazer aquilo, pra trabalhar aquela coisa, você se dedicar e aí eu posso me dedicar de corpo e alma porque eu tenho certeza que eu tô fazendo uma coisa extremamente útil que ... é bom os alunos de História também terem uma formação, durante muito tempo eu pensei se eu ia pra Antropologia, mas eu ia perder o meu colorido, o bom é eu ser um Antropólogo no departamento de História, exatamente eu conhecer o departamento de História, conhecer o que é uma formação em História, mas poder dar umas tintas de Antropologia, porque também eu não sei tanto de Antropologia assim, mas eu tenho uma visão, eu tenho uma capacidade de observação de cientista social que historiador não tem, que a forte inerme lá diante dele, ela não desenvolve isso, já a vida cotidiana, sua observação, o contato com seres humanos, a entrevista e tal desenvolve. O sujeito desmente aquilo que você está pensando. O sujeito chega lá e diz que é ao contrário, aí você tem que remontar suas interpretações quotidianamente, já a História não você vai lá com esquadro, com régua e compasso pega as suas fontes traça lá sua hipótese, só vão te contestar na banca se tanto, mas lá os caras do século XVIII não vão sair do papel vão dizer: “não, isso aí você tá forçando a barra”. Já no caso da Antropologia tem o feedback, tem aquilo que o Giddens chama de, de ... como é essa troca, que ele chama “Nas Conseqüência da Modernidade”? ele chama... agora eu não tô me lembrando, mas é o fato que o cientista social altera aquilo que ele tá estudando, mas ele é alterado também nesse processo. Acho que o trabalho de campo, ninguém que tenha passado por trabalho de campo sério e com um grau de alteridade grande, como é esse o caso, ele pode ser a mesma pessoa. Eu já não era mais a mesma pessoa, eu não podia dar aula de História Antiga mais, infelizmente não foi uma escolha, não podia mais, não era mais a mesma pessoa., não tinha mais os mesmos inte resses, não podia continuar. Eu até voltei dei um

curso de História Antiga porque me pediram, mas a minha alma já estava em outra parte, eu já era um morto vivo dando aula de História Antiga, não era mais aquilo.

F : E as atuais políticas de financiamento à pesquisa e as mudanças na carreira, você acha que afetaram o seu trabalho?

E : É, acho que afetaram muito, do ponto de vista financeiro piorou muito ao longo dos anos, engraçado que eu fui me qualificando cada vez mais, então teoricamente eu deveria vir ganhando cada vez mais como mestre, depois como doutor, mas eu tô ganhando cada vez menos. Eu acho que isso não tanto me afetou, teve anos, por exemplo, que eu fiquei um ano inteiro sem comprar livros, isso era uma coisa terrível. Parei de assinar jornal, assinava dois três jornais, não pode mais se fazer isso. Mas eu acho que afetou muito mais o ambiente em torno, o clima, é um clima um pouco do salve-se quem puder, cada um se vira, cada um arruma aí o seu tapa buraco pra complementar o orçamento. Isso é muito ruim, quer dizer, pessoas que já não estão mais cem por cento dedicadas, eu acho que a dedicação é muito grande, eu não tô criticando os meus colegas, não, eu acho que o curso tem grandes profissionais, mas efetivamente existe isso ; o sujeito dá aula em não sei quantos pós graduação lato sensu, montar pós graduação lato sensu, fazer, acontecer. Tem o lado bom, tem gente que começou a publicar loucamente, não só ... o aumento da competitividade estimulada pelo governo, essa ameaça de fazerem essa avaliação, essa remuneração por conta da avaliação que é feita da produtividade dos professores, mas que entraram no clima muito rapidamente, isso me chocou assim, deixarem o valor de troca predominar sobre o valor de uso, se transformarem em produtores de mercadoria intelectual. Mas eu acho que existe muito isso hoje, o sujeito tá acostumado, participa de todos os congressos, tem que tá sempre escrevendo comunicação, tá sempre escrevendo artigo, tá sempre publicando livro. Não tenho inveja nenhuma. Porque as coisas poucas que eu escrevi, eu escrevi quando eu achei que tinha alguma contribuição a dar, e não me arrependo delas, não vou escrever qualquer coisa, não vou publicar qualquer coisa só por publicar. Eu demoro pra escrever um artigo, eu me demoro pra eu resolver a escrever, quando eu escrevo eu sou rápido. Mas se eu resolver que aquilo é importante, aí eu sento pego e escrevo no supetão, mas quando eu tenho certeza que aquilo é importante. Acho que a gente deve ter consciência do que é o trabalho intelectual e não entrar nesses jogos. Então eu acho que existe esse clima hoje, eu tendo percebido isso me deu um certo desgosto eu parei de frequentar reunião de departamento por conta disso, achando que as pessoas tavam um pouco, assim, automatizadas, sem perceber, sem tomar consciência de como aquilo tava afetando o cotidiano deles, os objetivos, tavam se perdendo um pouco de vista os objetivos do trabalho intelectual e entrando um pouco nesse clima de competitividade, de produtividade que eu acho que é a pior coisa, porque se você não tiver tempo pra parar e pensar no que você está fazendo, e só tiver tempo pra fazer, fazer, fazer não vale a pena. Não é mais o intelectual você não sabe mais o que você está fazendo, pra que que serve, como é que tá sendo usado. Acho que tem muita gente nisso. Não é só a questão financeira não, eu acho que é um clima da época, então o nosso correspondente é o consumo é a nossa .. essa coisa de produzir. Eu acho ótimo,

publicar é ótimo, isso é uma coisa significativa também. Não vai se cortar árvore à toa, né.

F : E a sua avaliação sobre a Universidade Pública ?

E : Sitiada, ameaçada, bombardeada, carcomida, de certa maneira num processo de auto privatização. Você tem cem pós graduações lato sensu na UFF que cinquenta são pagas, você tem pós graduação lato sensu na UFF que cobra quinhentos reais, oitocentos reais por mês na área de engenharia em que grande empresas que na verdade é que pagam, com laboratório fantásticos, ar condicionado, meios eletroeletrônicos, e onde alunos de graduação não podem entrar. Verdadeiras ilhas dentro da própria Universidade, então você tem um pouco isso hoje, muito isso hoje é um processo galopante de auto privatização. O governo sempre quis privatizar a Universidade através de um projeto geral e não conseguiu, eu acho que ele tá conseguindo privatizar a Universidade da maneira mais simples, quer dizer, primeiro deixando os professores à míngua, em termos salariais, depois oferecendo possibilidades. Olha, vocês não querem dar consultoria ?, vocês não querem abrir pós graduação lato sensu pago ?, então hoje me assusta a quantidade de coisas , eventos pagos na Universidade. Outro dia eu vi um evento que não era nem pós graduação lato sensu, era um mini curso e pago, dentro da Universidade, eu fiquei assustado com aquela coisa. A gente mesmo em História a gente tem dois, e daqui a pouco são três, a gente tem três pós graduações lato sensu pagos. Eu atuo nessa pós graduações porque eu tenho necessidade financeira de atuar, mas eu poderia atuar muito mais, me ofereceram pra dar sei lá, dez aulas, eu dou três, só quero dar aula de assuntos que eu conheça profundamente e eu quero dar um mínimo de aula sim pra dar as melhores aulas possíveis, pra poder preparar mais quero dar o máximo. Eu já recebi oferta pra dar aula em universidades particulares e tal, e sempre disse : “ah eu tenho dedicação exclusiva “. Poderia ter desrespeitado a dedicação exclusiva, tem gente que faz isso, mas eu não sempre vi meu trabalho como uma coisa absolutamente sagrada. Dar cursos diferentes, me preparar, me tornar um profissional mais completo, preparar bastante as minhas aulas pra poder, no caso corrigir com tempo e atenção os trabalhos dos alunos. Não sei pode me chamar de idealista, mas eu sempre dormi tranquilo porque sempre fiz isso achando que tava fazendo o melhor. Eu velo com muita apreensão esse clima da Universidade. Ela vai se transformando como qualquer coisa, é um cerco, inclusive dos meios de comunicação. A universidade particular faz muita propaganda e de tanto uma mentira se repetir ele termina se transformando em verdade, começam achar que as universidades particulares são melhores, os alunos começam a reclamar : “ah tem muita greve na Pública “. Eu acho que é um processo o governo ajuda , os meios de comunicação de massa ajudam, e essa própria dinâmica da sociedade moderna, essa competitividade, esse individualismo que corrói a Universidade toda. Mas eu tenho ainda muito tesão pela Universidade Pública, ela me dá muita alegria, muita honra trabalhar aqui, ainda tenho certeza de tá trabalhando em lugar muito diferente de outros lugares. Não sei durante quanto tempo, mas por enquanto.

F : E a relação da Universidade com a Sociedade ?

E : Olha eu pude perceber um pouco mais quando eu fui fazer o trabalho de campo, na verdade, foi a primeira vez que eu sai a campo, literalmente, não só do ponto de vista antropológico, mas que eu sai do meu meio : Universidade , cinema, escola, saí de um bairro de classe média, fui pra periferia, mergulhei num outro mundo, conheci. Eu acho que eu era um pouco peixinho de aquário. E aí eu pude perceber a enorme distância. Como a Universidade parece ser pros trabalhadores de Acari, pras pessoas de Acari. A Universidade é um outro planeta, fica numa outra galáxia, num planeta, numa outra galáxia bem distante, bem desconhecido eles não sabem onde é no mapa. E quando a gente chega ;lá a gente é meio alienígena. Até minha experiência com os meus alunos de Vilar do Teles e os meus alunos de Campo Grande, que era considerada uma boa escola de 2.^a grau, uma escola que na época não tinha problema de violência, tráfico, nada disso. Era uma escola direitinha. Era considerada a melhor escola de Campo Grande. Até hoje eu soube que ela tem o mesmo prestígio. Entretanto nenhum aluno pensava entrar pra Universidade. Aí eu pude conhecer o que é o *apartheid* brasileiro, mesmo. Eu que nunca pude deixar de pensar de entrar numa Universidade, jamais sequer de não me ver formado, de não ser um universitário. Eu, minha irmã, minha família, e pessoas que jamais pensaram, porque aquilo ali é absolutamente ímpar. Isso, esse fosso, eu já acho um fosso fundamental. Os outros são resultado disso aí. Se você tem pessoas , por essa hiper especialização também, que é um dos males, o professor deixa de ser um intelectual, ele passa pra poder produzir mais ele passa a se especializar, ele passa a verticalizar sua formação, só naquele ponto ele mergulha mais fundo. Então a visão que ele tem de mundo passa a ser mais limitada, vira uma espécie de avestruz, que é pago pra ser avestruz, pra enfiar a cabeça mais fundo mesmo. Ora o mundo se torna cada vez mais complexo, mais dinâmico, conflituoso e ele vai ficando cada vez mais incapaz de analisar isso, porque ele é especialista em alguma coisa lá, aqui tem uma documentação do século XVIII, dum conflito, um negócio muito específico. Ele fez a graduação nisso, ele fez o mestrado nisso, ele fez o doutorado nisso. E não compreende a dinâmica da sociedade, particularmente, em História você tem uma erudição maior, uma especialização maior e uma percepção da sociedade cada vez menor; soma-se a isso uma origem de classe média e você tá pronto pra ignorar o mundo que tá lá fora. Você tem palavra de ordem sobre o trabalhador, as pessoas não têm a menor idéia que seja o trabalhador, que seja o operário, não têm a menor idéia do que seja isso, porque elas não têm nem imaginação sociológica, pra usar aí o termo do Wright Mills, pra pensar isso. Não tem, a imaginação sociológica dela tá tolhida pela hiper especialização. Se alimentam só de um determinado nutriente, ficam carentes de outras vitaminas, de outras ... de uma visão de mundo mais ampla. Então isso aumenta, e aí é uma festa porque você tem o momento de cerco à Universidade que se obriga a essa especialização que leva, ao meu ver, a uma alienação maior, a uma despolitização. Há uma dificuldade maior de perceber a realidade, eu percebi isso nos meus alunos, é muito difícil os alunos participarem de forma crítica das aulas em cursos que eu dei sobre favela, que falavam de polícia, de coisas contemporâneas. Os aluno tinham feito as leituras, tinham feito as resenhas, mas as resenhas eram muito boas do ponto de vista de resumo, mas do ponto de vista da avaliação crítica eram péssimas. Eu ficava cutucando a turma o

tempo todo, eu pude notar, por exemplo, uma diferença: os alunos de Ciências Sociais não eram assim. Eu dava curso pros alunos de Ciências Sociais eram muito mais participativos, do ponto de vista crítico, liam menos, tinham uma formação pior do que os alunos de História em média, mas participavam muito mais e eram muito mais críticos, porque estavam acostumados talvez por exercício em sala de aula. Agora, aquele professor erudito chega com aquela formação específica, só dá aula daquela coisa, uma coisa muito restrita. O que vai acontecer é que ele vai formar alunos idem, ser verdadeiras sumidades naquele ponto específico, mas saiu dali ele já ficou com medo. Não, eu não pesquisei sobre o assunto eu não vou falar nada. Vou falar, pode ser besteira porque eu não sou especialista. Eu digo: “não, eu não sou especialista em nenhum desses assuntos”. Esse assunto me interessa e eu estudo minimamente, o que me interessa é interligar esses assuntos todos. Interligar samba, favela, tráfico, questões raciais, milhões de assuntos que você tá estudando. E na verdade quanto maior esse leque é melhor, agora o aluno de História não, pra ele isso é um absurdo, você vai horizontalizar, você tem que verticalizar. É a lógica da produtividade, então eu acho que tem uma confluência aí bastante perversa de uma especialização que leva a uma alienação, que por outro lado facilita porque eles acham que com a especialização, com a produtividade eles ajudam a Universidade porque diante do público ela tá produzindo, mas ela tá produzindo cada vez mais algo que interessa cada vez menos. Porque cada vez mais tão específico que você só produz para os seus pares. E aí como é que fica, no momento em que ela tá sofrendo esse cerco? Aí é botar a bola na marca do pênalti e tirar o goleiro. A sociedade não vai perceber nenhum valor no que a Universidade tá produzindo. É um círculo vicioso

F : e quais as suas perspectivas para o futuro ?

E : Não sei, eu tenho uma música: “se oriente rapaz pela possibilidade de pegar um cargueiro do Lloyd e ir pro Japão”. Eu acho que eu sou assim, pode ser que eu continue minha vida toda ainda na Universidade, eu adoro dar aula, é uma coisa que realmente me segura na Universidade, não tem lugar melhor no Brasil pra dar aula do que na Universidade, que dê condições de pesquisa pra você realmente trabalhar. Mas eu não sei, pode ser que eu me apaixone por Medicina, mas eu acho difícil, mas enfim não parei pra fazer, depois dessas mudanças tão repentinas eu parei de fazer minhas previsões. Antes eu achava que eu ia ser professor de História antiga minha vida toda, ia me especializar, me imaginava dali até a morte, mas agora a vida é mais rica eu tô aberto pra vida me carregar de um lado pro outro. Pode ser, a probabilidade é grande. Eu tô começando agora de novo, eu não sei nada de História do Brasil, eu não sei nada de Antropologia, então tenho que estudar. Cada vez eu não me conformo em dar os mesmos cursos, cada vez eu dou um curso diferente, então tô aprendendo mais sobre alguma coisa. Pelo jeito nunca vou voltar a me especializar de novo, me tornar um especialista em alguma coisa, a não ser um especialista em não ser especialista. O cara que já deu curso de tanta coisa é um pouco de cultura popular, coisas de cultura popular contemporânea, mas é meio assim. Eles querem que eu seja um especialista em favela aí eu vou estudar samba, aí começo a estudar samba aí eu vou pra questão racial, entende? fazer um pouco... eu quero é aventura.

Enquanto tiver aventura aqui eu fico, enquanto eu tiver essa possibilidade dessa aventura intelectual, existencial eu fico. Agora depois eu não tenho menor idéia do futuro, o futuro é virar pó. Se possível que esse pó vire adubo pra uma roseira e uma morena pegue um botão de rosa e bote no cabelo, uma morena bem bonita. Esse é meu futuro.

F : Pode se dizer que é uma revolução pós-Acari ?

E : É uma revolução pós-Acari. Eu mudei muito como pessoa depois de Acari. Coisas muito profundas de percepção da vida, da existência. A gente estar em contato com a vida, com a morte de uma maneira muito... Em Acari não dá pra você ser neutro, ignorar. Eu acho que a gente vive uma vida meio anestesiada, o mundo acadêmico é anestesiado. Parece que todo mundo tomou três lexotans. Em Acari é ao contrário, porque tá todo mundo vivendo a sua vida intensamente, porque se não tiver vivendo intensamente, você não sobrevive sequer, não se dá bem, você não sobrevive. Isso me influenciou, me tornei mais humilde, pude perceber, assim ao mesmo tempo eu me dedico de corpo e alma à Universidade, ao estudo, ao trabalho e etc, mas eu vejo hoje isso como um pontinho no Universo. O departamento não é mais o centro do mundo, a Universidade não é mais o centro do mundo pra mim. O mundo foi totalmente descentrado por essa experiência . daí você tem a humildade de não dizer : “ó, no futuro eu vou ser isso ou aquilo”.

F : E hoje quais são as suas principais referências teóricas ?

E : Eu diria que são no campo da Antropologia, mais do que dizer que essa ou aquela, depende do estudo que esteja realizando. Sem dúvida adoro Clifford Geertz, queria saber escrever também como ele, o máximo. A tese de doutorado foi muito influenciada pelo Geertz, ela tinha a pretensão de ser uma descrição densa lá de Acari e mais uma descrição do que uma explicação, porque explicar é muito difícil pra mim. Ma hoje eu tô influenciado por, mas talvez pelo tema da Universidade, eu acho um autor fundamental , Pierre Bourdieu , talvez seja meio difícil conciliar o Geertz com o Bourdieu, mas são dois autores talvez mais. Mas tem umas influências antigas que eu não tô usando mas que na verdade foram .. como Lucian Febvre, eu acho que esse tom do trabalho que a gente faz, o ser humano tem que tá ali, o valor da vida tem que estar presente, de não tornar as coisas muito esquemáticas, de não reduzir tanto analiticamente até virar um esqueleto que não guarda nenhuma semelhança com o original, não recupera nada daquela vivacidade característica da vida. Então eu diria que seriam Clifford Geertz e Pierre Bordieu.

F : E a sua produção acadêmica ?

E : Em História antiga eu não publiquei a tese, eu recebi o O.k. da editora Ática mas eu não publiquei eu tinha que modificar e acabei não modificando, o que eu temo que aconteça com tese de doutorado. Eu produzi um livro de História Antiga chamado *A Guerra na Grécia Antiga*. Alguns artigos sobre o bárbaro, sobre poemas homéricos, muitas comunicações

(FITA 3)

Agora minha produção tem sido, quer dizer, eu organizei dois livros, foram muito importantes pra mim *Cidadania e Violência*, com o Gilberto Velho, que na verdade foi um simpósio, que comecei a organizar, juntamente com o prof. Gilberto Velho e que deu livro bem interessante que mostra bem essa virada pra Antropologia, que mostra o meu interesse em estudar assuntos contemporâneos, de relevância social, política : a questão penitenciária, a questão das favelas, a questão racial, a questão das minorias e etc. foi uma virada geral. E o mais recentemente *Um século de Favela*, organizado juntamente a professora Alba Zaluar que foi resultado da minha tese. O *Cidadania e Violência* foi na época que quando eu comecei a organizar eu ainda estava estudando a questão penitenciária, foi quando eu fui proibido de estudar, mas no decorrer do livro eu já tinha sido impedido de entrar na penitenciária, então o artigo que tem ali são os seis primeiros meses de trabalho de campo em Acari. Já o *Um século de Favela* não, foi um livro organizado quando eu tava concluindo, já tava na fase de redação da tese, e eu tinha pesquisado bastante sobre história da favela, tinha lido, e surgiu da preocupação que a favela ia fazer um século, mas não teve nenhum simpósio . A Universidade faz simpósio de tudo: 400 anos de não sei o que, 300 anos daquilo, 200 anos de não sei o quê, 100 anos 50, 30, 20, 10, mas não teve nenhum simpósio pra marcar um século de favela . eu achei aquilo absolutamente sintomático. No departamento de História eu sou o único professor que tem uma tese sobre a favela, a favela tem mais de um século. Dizer que não tem fonte, tem fonte policial. Tem assunto muito mais recente que a favela e está sendo estudado. E aí eu achei que tinha que publicar um livro a respeito, infelizmente o livro atrasou não deu pra ser no centenário da favela , mas ele saiu. Atualmente eu tenho publicado artigos, publiquei um artigo numa revista chamada **Sexta Feira**, sobre a tese, a coisa do terror, da violência. E publiquei meu primeiro artigo sobre samba num livro chamada *Batuques*. E tenho que urgentemente pegar minha tese de doutorado, ela tá sendo muito xerocada assim em vários cursos, as pessoas me pedem. Então eu acho que tem algum interesse por ela, afinal a gente tem um trabalho de campo magnífico, que é da professora Alba Zaluar, mas que é da década de 80, e eu peguei o final da década de 90, eu acho que é um contexto completamente diferente que não foi trabalhado assim em termos de trabalho de campo, talvez tenha público pra essa tese, público academicamente falando mesmo. Então eu tenho, que em termo de publicação é isso. Eu gosto de ver meus livros publicados, eu sempre fico preso nos meus cursos, minha semana é sempre assim não deixo um dia da semana pra escrever, entende ? Eu pra escrever eu tenho que sentar, fora do semestre, sentar e uma semana eu escrever, porque se eu tiver um dia a mais eu vou usar pra preparar mais alguma coisa, escrever mais alguma coisa, rodar não sei o quê, preparar mais a aula, sempre os cursos, é assim, não tem jeito.

F : E suas aulas como são ?

E : Já que você é meu aluno eu poderia até te perguntar, né, mas é maldade isso. Bem o que procuro fazer em minhas aulas é : a minha aula é uma aula preparada, eu tenho um objetivo na aula, procuro não dar aulas meramente expositivas,

procuro que as aulas sejam aulas de debate. Eu só acredito em aula quando o aluno lê um texto e vem ali pra participar criticamente da aula. Quando eu dou aula de cursos mais temáticos, menos teóricos ou instrumentais como esse de História Oral mas outros : Brasil república , favela eu dou aula com fontes primárias, eu uso fonte literária, aliás nesse curso de História Oral eu usei fonte literária também. Então eu gosto de usar fonte literária, recursos como músicas. No caso do curso de História Oral eu vou usar as próprias gravações, eu vou trazer as gravações e vocês vão ouvir as gravações. Eu gosto de dar uma aula variada, do ponto de vista didático, usando bastante os recursos, mas fundamentalmente uma aula que não seja expositiva. Eu não acredito que professor coloque nada na cabeça do aluno. O aluno tem que ler , tem que criticar, ele tem que ter o espaço de sala de aula como espaço de debate. É difícil porque os alunos não têm tanto tempo pra ler, disposição pra ler, assim nem sempre lêem, mas quando lêem a aula funciona. Minha aula depende muito dos alunos, dessa participação . Eu não sou um bom debatedor de texto eu sozinho, eu mesmo falando do texto e eu mesmo criticando. Eu gosto dos alunos chegarem lá e colocarem críticas pra eu explicar o que não tão entendendo, pra eu acrescentar, pra eu ir além. Então eu procuro ter uma aula dinâmica, fazer uma aula dinâmica, porque eu acho que é insuportável, um crime insuportável o professor ser chato, a aula dele ser chata, pode ser a melhor aula do mundo, mas se for chata é um crime inafiançável. É claro que eu sei que há momentos que minha aula é chata, eu tenho a certeza absoluta, mas tenho certeza que eu tô tendo essa percepção e tô fazendo o máximo pra quebrar aquela chatice, aquele tédio momentâneo. A aula pra mim é um desafio, eu entro pra matar um leão, cada aula eu penso especificamente : como vai ser o tema, como é que eu vou valorizar o máximo esse tema, que tipo de recursos eu posso usar, o que eu posso inventar de novo nessa aula, eu gosto de ser inovador, os materiais eu preparo no dia da aula, que nem o Guimarães Rosa: eu ia dar um aula resolvi dar outra, tenho que dar uma aula diferente, aí resolvi dar Guimarães Rosa, dei uma aula inteira sobre Guimarães Rosa falando de História Oral. E provei que realmente dava pra falar de Guimarães Rosa e de História Oral, que Guimarães Rosa estava discutindo o tempo todo o estatuto das estórias que são contadas, ou seja, da História Oral, da memória. Então procuro isso: ser criativo, não ser chato e preparo as aulas.

F : Que tipo de avaliação o sr. utiliza ?

E : Olha eu tenho ... quando eu era professor de Antiga eu usava prova, usava seminário, mas uma modalidade diferente, tipo aquela do Ciro, todo mundo lê o mesmo texto e cada um trabalha de uma forma diferente. Ou então num curso que eu dei sobre o samba cada um fez um seminário sobre um compositor diferente, tinha que trazer música. Então eu procuro nas avaliações como na sala de aula preparar meu aluno pra ser um professor, como usar esses recursos didáticos, pra exemplificar, pra ele ver que ele tem que trazer um material preparado, nos meus seminário sempre tem que trazer um material escrito... quem é que vai falar, como é que vai ser, o tempo pro debate, tem que ser coisa organizada e particularmente tem que ser alguma coisa que os seminários se interpenetrem, um complemento o outro pra que não seja uma coisa que um tá fazendo um seminário

do livro A, outro do livro B, temas completamente diferentes e um não interessa, um não tem relação com o outro, eu acho que isso não funciona. Eu evito dar trabalhos finais, no caso da História Oral é uma exceção, porque realmente a entrevista tem que ser feita no final, mas eu evito terminantemente dar trabalho final. Normalmente minha avaliação padrão é uma série de resenhas ao longo do curso, o semestre passado eu corrigi 300 resenhas em dois cursos, não 300 foi em um só, corrigi umas 400 resenhas em dois cursos. Era praticamente toda semana duas resenhas, resenhas crítica sobre o assunto. Eu acredito na avaliação sequenciada ao longo tempo mais do que no final ou no meio, , não acredito em trabalho final, trabalho final que você entrega para o professor corrigir, eu não acredito não.

F : Quem são os seus alunos ?

E : Não sei, não tenho idéia, eu conheço os alunos mais fora de sala de aula e alguns eventos e sair tomar de vez em quando cerveja e tal, durante a greve eu conheci um pouco. Me parece que também tá heterogêneo que nem em minha época. Tem uma novidade, eu acho que tem um número maior, o *apartheid* lentamente vai mudando, tem um número maior de alunos provenientes de favela, da periferia de bairros bem populares, eu diria que tem um ligeiro aumento eu não seria capaz de mensurar isso e eu acho uma falha tremenda de nosso curso que a gente não mensure isso, não saiba a mudança ao longo do tempo de nossa clientela, é tudo feito de orelha, tudo feito assim assistematicamente. Eu acho que deveria haver um acompanhamento de quem é nosso aluno: quem entra, quem faz vestibular pra História, qual o destino final dos nossos alunos. Só tem o trabalho do professor Marcelo Badaró, foi publicado na Revista **Tempo** n.º 2 , quer dizer, como é que o aluno da UFF se torna professor, que professor ele se torna. Uma coisa que eu acho importante.

F Que tipo de Formação o sr. tenta passar aos seus alunos ?

E : Hoje em dia , sobretudo, eu tento passar uma formação não especializada. Eu tento denunciar a especialização. Eu tento fazer com que os alunos se interessem pelos temas mais variados possíveis. Embora o curso seja de História Oral eu tô querendo mostrar à ele que a literatura, o romance é fundamental para um historiador. Então eu tô quebrando a possível especialização, aí eu venho com a literatura pra mostrar isso, então eu tô preocupado em ampliar o leque de interesses dos meus estudantes, e sobretudo estou preocupado em formar um aluno crítico, que seja crítico, auto crítico, tenha percepção do que ele é, em que relações, em que teias de poder ele está inserido, qual o contexto histórico de produção daquele texto, daquela prática de pesquisa, daquela prática de ensino, da relação aluno professor, enfim que ele seja capaz de criticar absolutamente tudo. Claro que é uma pretensão enorme e eu acho que eu sozinho não faço isso, mas eu acho que mais que passar conhecimentos específicos, formar alunos competentes, eu não acho que seja esse o meu ... claro que eu tenho que colocar à disposição a bibliografia mais atualizada, eu tenho que dar alguma orientação básica pra eles da disciplinas. Mas o fundamental é ser crítico, é o tempo todo refletir, e indagar, duvidar, a palavra chave é essa : duvidar de si próprio, duvidar do professor, duvidar do autor, duvidar dos especialistas e se possível ter um

pouquinho de bom humor também , ser um pouco irônico eu acho que a ironia é uma arma socrática, mas é uma arma sambística também, uma coisa que os gregos e os sambistas tem em comum é o uso da ironia. De não levar nada muito a sério, levar a sério, mas rindo, que é um anti – oxidante, é um antídoto contra a ossificação intelectual. Duvidar e ser irônico, até com você mesmo, eu pratico às vezes umas formas de auto flagelação através da ironia.

F : O sr. acha que o aluno da UFF sai preparado pra ser pesquisador ?

E : Alguns saem, até demais, um aluno do curso de História da UFF sai às vezes até demais, ele sai preparado pra ser pesquisador e só.

F : E pra ser professor ?

E : Menos, e bem menos. Até porque pra ser professor é um pouco que nem jogador de futebol ou você nasce com talento pra coisa ou não nasce. Pode aprender a cabecear melhor, pode aprender a driblar melhor, pode estudar milhões de táticas. Mas acredito que nenhum grande professor que eu tenha tido até hoje aprendeu a ser professor na Faculdade de Educação, pode refletir sobre o ato de ensinar, sobre a pedagogia, sobre milhões de coisas, pode se aprimorar mas o bom professor nasce feito. É talento, é vocação. Mas parte disso, acho que há um desprestígio, com essa hiper especialização os próprios professores demonstram aos alunos , pelo menos é isso que eles me dizem, eles são meus alunos e amigos também, eles demonstram ter muito mais amor pela pesquisa, pelas publicações, pelos simpósios e etc, pela sua produção do que pela sala de aula. E isso repercute: o aluno sente que a sala de aulaPra mim é ao contrário, a sala de aula é o meu grande palco , é ali que eu me realizo. Gosto de publicar, gosto de pesquisar, mas a sala de aula pra mim é tudo ou nada, quando eu dou uma aula ruim, hoje em dia eu não choro, mas tenho certeza que eu dei uma aula ruim . Não acho nunca as minhas aulas iguais, ou más ou boas, até tenho mais experiência, dá pra medir em bocejos ou não bocejos .

F : Quais os principais problemas no curso de História da UFF na sua avaliação ?

E : O principal problema acho que é a falta de reflexão sobre a fabricação do historiador, sobre o contexto histórico no qual a gente tá inserido : de valorização da especialização , da competitividade, essas questões todas que eu venho dizendo. Eu acho que o departamento aceitou acriticamente. A gente deveria fazer um estudo, por isso eu estou tentando dar uma modéstia contribuição com essas entrevistas. Nós deveríamos fazer um estudo sobre a transformação do trabalho intelectual, até da nossa desintelectualização , sobre o processo de alienação e despolitização dos professores nesse sentido. Acho que a greve me chamou a atenção pra isso, acho que ela foi consequência de um processo de despolitização, que tem haver com a especialização, com a febre da produtividade. Esse é o grande problema mais do que biblioteca e problema salarial. O problema em qualquer lugar vai ser a falta de consciência. Não adianta o navio tá funcionando muito bem, ter combustível, e tá andando a velocidades fantásticas, bom tem que saber pra onde eu tô indo, qual é a direção. Daqui a pouco tem um rochedo na frente e a gente afunda igual ao Titanic, no auge, achando que nós somos competentes, que temos bibliotecas , e tem pós

graduação e a gente afunda, a gente vai perder sentido pra sociedade brasileira e na hora que quiserem afundar a gente não tem problema fica mais fácil.

F: O sr. se definiria como um intelectual, como pesquisador ou um professor ?

E : Antes eu sempre me defini como professor ,mais do que pesquisador, minha grande gana é de aprender e comunicar, a alegria de aprender, do que eu aprendi pra outras pessoas. Eu gosto de ser ignorante mas não de permanecer, de estar ignorante e depois começar aprender sobre um assunto que eu não conhecia nada, uma coisa absolutamente fantástica, sou apaixonado por isso, mas hoje em dia eu tô começando a ser um pouco mais maduro e além de professor eu tô tentando ser um pouco mais intelectual. Não nesse sentido de uma pessoa, porque eu sou hoje menos intelectual do ponto de vista do chavão, porque : “é intelectual é só o cara que lê”. Hoje em dia eu sou um cara mais inserido na sociedade de uma maneira geral, eu procuro estar ligado em outras coisas que não só a produção acadêmica e livresca , mas eu sou mais intelectual no sentido de que eu procuro ter uma reflexão maior do que eu estou fazendo, sobre o lugar em que eu estou inserido, sobre as práticas que aqui acontecem, desse ponto de vista eu sou mais intelectual do que eu era no começo, acho que eu era muito professor, um pouquinho pesquisador e não era nada intelectual. Agora eu continuo sendo muito professor, um pouquinho pesquisador, mas agora um pouquinho de intelectual. Me defino mesmo como professor, tudo isso é pra que eu possa exercer minha carreira de professor, sem dúvida minha grande paixão.

F :Então o que significa pro sr. ser professor ?

E : Digamos assim, atividade a qual eu boto metade da minha vida, acho que significa isso tudo. No final a gente vira pó, e antes de virar... não sei se vai ser um dia de chuva e a morena não vai sair e não vai me colocar em seu cabelo, então é muita coisa, e hoje eu tenho a percepção dess:e a gente vai desaparecer. Não tenho tanta idade mais já passei da juventude, 20 anos e tal. Aos 40 cai a ficha um pouco você vai morrer, você vai ficar velho. Então é a atividade que eu não me arrependi nem um segundo , nem um segundo, de nada, dos livros que eu comprei, que porventura não venha usar, das aulas que eu dei, de assuntos que eu não gostava tanto, mas não arrependo de nada nenhum segundo que eu tenha gasto da minha vida em sala de aula ou preparando a aula eu me arrependo, nenhum . Acho que isso diz pra mim o que é se professor , mais do que ficar falando que ser professor é isso ou aquilo.

F : O sr. é religioso ?

E : Eu era ateu de carteirinha, achava muita graça da religião. Agora não, eu sou mais humilde eu acredito em todos os deuses, se eu pudesse eu acenderia velas pra todos, respeitaria todos, mas eu não tenho uma religião. Mas eu acredito hoje, acreditar é um termo muito errado, Durkheim mostra isso muito bem, porque a religião é muito mais uma questão de prática do que de crença, não é uma questão intelectual. A gente é que reduz tudo a acreditar ou não, então em acreditar em não acredito em nada especificamente, mas praticar eu pratico, às vezes eu fico nervoso eu rezo o Pai Nosso, eu boto um café pra uma divindade pro Sto. Antônio lá, na verdade homenagear um preto velho, pra na verdade, pra

homenagear o Catoni, que era um grande sambista, uma pessoa sábia . Eu hoje em dia me sinto tão pequeno, tão menor, porque não pode ter alguma coisa maior do que eu ?, é um chavão, mas enfim. É uma atitude que eu considero muito mais saudável do que você simplesmente se achar todo poderoso, achar que a racionalidade, que a intelectualidade, que o ser humano é capaz de resolver tudo. Mas eu não sou religioso não, não gosto de religião, adesão a uma religião aí nesse ponto não dá pra mudar tanto .

F O que significa pro sr. ser Historiador ?

E : E u acho que eu não sou um historiador, assim de ofício, eu tenho uma formação em história, mas não sou historiador propriamente dito assim como eles chamariam de historiador . Eu acho que eu me definiria mais como um Cientista Social bem amplo sem definir se eu sou Cientista Político, Sociólogo ou Antropólogo. Eu tenho a pretensão de ser isso: uma coisa meio interdisciplinar. Eu não rejeito a minha formação em História, eu acho ela extremamente valiosa, mas acho que ela dá muito samba interpenetrada com a teoria da Antropologia, particularmente desse *feedback* que a Antropologia dá , da vida quotidiana e do trabalho de campo desmentirem sua teoria. O Cientista Social está muito mais ligado, tem uma interpretação sobre os evangélicos, o neopentostalismo, mas é tudo muito provisório, porque o fenômeno tá mudando e ele observando. Já as fontes elas não se transformam, no máximo tem uma traça que vai roendo, mas ela não muda de cor, de figura, como mudam os fenômenos estudados pelos cientistas sociais.

F : O que significa pro sr. ser do departamento de História da UFF ?

E : É uma honra, sem dúvida é um prestígio tremendo, a gente percebe aqui dentro e lá fora que é um prestígio, uma honra. Eu me formei aqui e continuo trabalhando aqui. Então eu tenho uma honra em trabalhar com pessoas extremamente preparadas que são respeitadas. Agora, ao mesmo tempo eu estou dentro e estou fora, eu faço um pouco essa experiência, estou dentro mas eu analiso de fora, eu me coloco com os olhos de Acari e de outros lugares e fico refletindo o que é isso aqui, eu tento fazer esse exercício. Essa honra, essa alegria de pertencer, esse *spirit de corps*: eu sou do departamento de História, eu tenho isso mais enfraquecido do que os meus colegas, embora eu tenha, eu não quero cuspir no prato que eu sempre comi e continuo comendo, mas procuro ter esse espírito crítico; pra ter esse espírito crítico além da honra, até pra honrar mais profundamente isso eu procuro ser crítico, inclusive do próprio departamento de História e da das nossa práticas. Eu acho que isso é honrar também.

F : E o que significou ter feito o trabalho em Acari ?

E : Teve duas grandes transformações na minha vida, as duas foram de certa maneira involuntárias : uma foi quando eu fiz o exército, fui obrigado a fazer o exército e não esperava , então aquilo foi muito legal porque eu era um adolescente muito cheio de frescura e acabou um pouco com as frescuras, eu acho que aquilo foi muito bom por ter sido ruim. E já Acari não, já Acari por ser absolutamente inesperado, por ser uma aventura. Foi muito bom por ser um desafio muito grande e eu ter possibilidade de realizar, eu creio, com sucesso. E

foi bom principalmente pelo aspecto humano. Eu acho que tem uma coisa que os antigos falavam, não eram os gregos mas eram os romanos, mas os gregos falariam isso sem dúvida, que é um poeta romano que fala “que nada do que é humano me é estranho”. E Acari eu pude realizar na prática isso aí, eu pude me comover, eu pude me apaixonar, eu pude mergulhar e tentar entender seres humanos que, por questão da classe social, do momento, do lugar onde eles estão inseridos eles têm trajetórias de vida completamente diferente das minhas . Eu fiz amizades, mas é difícil manter essas amizades, eu fico sempre... não tem semana que eu não pense em Acari, mas eu vou muito pouco lá agora, só de meses em meses, mas eu tô muito ligado aquele lugar assim, gosto muito das pessoas e tenho um carinho muito grande, me preocupo com os destinos. E também vice – versa, ligam pra mim, dão parabéns em meu aniversário, eu também ligo. Humanamente eu mudei: essa humildade de poder rezar o pai nosso, colocar o café pro preto velho. Essas coisas assim que pro um aluno de graduação, prum estudante de História é uma coisa assim horrorosa : “Ó, o cara era ateu e resolveu se alienar”. Mas pra mim não, foi uma coisa fantástica, foi uma obra dos deuses me colocar lá, não foi uma mudança acadêmica, foi uma mudança total e o resto tudo foi consequência: o samba, a música veio a partir de Acari; a partir daí eu comecei a entender melhor a vida, a coisas que podem vir a acontecer que podem transformar toda a nossa vida. Acari foi tudo isso e mais alguma coisa pra mim